

Um desafio e um abraço

Caríssimas Companheiras e Caríssimos Companheiros de PEUS,

Escrevo-vos, neste princípio do novo ano, eu que sou naturalmente encantada por todas as espécies de princípios, para vos dar as boas-vindas, para aplacar um pouco as saudades e para vos estender um desafio.

O PEUS cumpre, por estes dias, a bonita efeméride de vinte anos e, à semelhança da celebração aquando do décimo aniversário, a Faculdade – com o alto patrocínio das professoras Paula Pinto e Maria da Graça Pinto – decidiu cozinhar uma ideia cuja concretização vos tem a vocês como ingredientes essenciais. O projeto envolve a edição de um livro, uma antologia de textos vossos, que gravitem em torno do tema:

O que faço EU no meio do PEUS.

Este tema que se pretende como elemento aglutinante é, na verdade, supinamente inspirador, uma vez que os assuntos subjacentes são, afinal, vocês. Eu, que pouco ou nada tenho feito além de escrever – e é por isso somente que não me encontram aí por perto a aborrecer-vos as tardes de terça-feira –, venho puxar-vos para esta minha vida sossegada – às vezes, tumultuosa – das palavras, e convidar-vos a afiarem os lápis ou a sacudirem o pó às páginas que se vos escondem na gaveta. Venho relembrar-vos que muitos de vocês foram, em tempos, quase escritores e que vos tenho, agora, por escritores inteiros.

O projeto PEUS, que vale sobretudo pela comunidade que encontrou em cada um de vocês e em todos vocês, merece que se lhe faça esta homenagem. Homenageando-o, queremos homenagear-vos, guardando nas páginas deste livro os vossos contributos, que podem chegar em qualquer género literário: da crónica ao soneto, do conto ao aforismo, do poema livre à memória, em testemunhos que fixarão as vossas experiências, pelas vossas palavras, na história desta escola em que são alunos e professores, inscritos e construtores.

Confiantes na boa receção que terá este nosso desafio, e respondendo à necessidade de gerir espaço e uniformizar um pouco o conteúdo do livro, as determinações técnicas para a equipa de redatores são as seguintes: pedimos que os textos não excedam as 2 páginas A4, em letra Times New Roman, tamanho 12, com espaçamento de 1,5 entre as linhas. O prazo para a entrega dos trabalhos, último elemento essencial, é 25.02.2025, um palíndromo que inaugura já o jogo das palavras (e dos números).

Resta-me agradecer, em meu nome e em nome das Professoras Paula Pinto e Maria da Graça Pinto, a atenção que dedicaram a este nosso repto, deixando-vos, agora, o espaço e a liberdade para a criação. E, claro, o desafio é inteiramente facultativo, só o abraço é que já é vosso.

Com carinho,

Raquel Patriarca

Adrião Cunha Docente

Vinte anos PEUS

A possibilidade de poder colaborar com o «PEUS», além de um significativo e gratificante privilégio, representa para mim um particular e muito interessante desafio no plano pedagógico, pela abordagem teórica, educacional e formativa face aos temas a desenvolver e à singularidade do alvo recetor.

O «PEUS» constitui um universo único, frequentado por um público discente com formação multidisciplinar diversa, naturalmente exigente, na busca de novos conhecimentos, numa abordagem diferenciada, dos resultados obtidos num outro tempo da vida académica de cada um. Motivo para tentar acrescentar mais saber ao conhecimento, por cada um obtido, numa fase anterior da vida, que tenha contribuído para o enriquecimento e visão de um mundo passado, que possibilita consciencializar ter vivido o futuro!

A singularidade do universo discente do «PEUS», na perspectiva da micro-história, requer e estimula uma cuidada abordagem de temas universais, no respeito por experiências formativas anteriores, que não deve, nem pode, impor resultados predeterminados. A heterogeneidade deste universo, com valiosa experiência de vida, conhecimentos e motivações diversas, a que crescem múltiplas e naturais perspetivas, constitui um universo único, que enriquece as partes, no respeito pelas peculiaridades socioculturais de cada um. É o caso.

É com o maior prazer que me associo à comemoração dos vinte anos do «PEUS», desejando a continuação da sua relevante contribuição na área do saber mais. Parabéns.

Alcino Silva Aluno

Um novelo de névoa percorre a extensa planície de areia e acreditamos ver as águas mediterrânicas no longínquo horizonte a Oeste. A tarde vai evoluindo nesta solidão desértica que nos rodeia e um murmúrio de silêncio cerca-nos o pensamento, deixando-nos nessa espécie de êxtase que surge no interior da beleza que o olhar alcança. Trazemos ainda pousado em nós o conforto sentido na travessia do Eufrates, esse rio de águas preguiçosas que desce do planalto da Anatólia em direcção à água marítima do golfo a Sul. Uma espécie de calor humano envolveu-nos quando no nosso imaginário os sinos monacais em Deir-ez-Zor badalaram num lento adormecimento no mesmo instante em que a voz do muezin elevando-se sobre o rio e as colinas de areia dura, planaram num apelo à oração a Deus. A beleza e a perfeição a marcaram a caminhada humana pela história. Agora, no entanto, com o declinar da tarde, uma rara frescura parece mover-se na nossa direcção e vemos surgir os muros de amarelo ocre acobreado da invencível Palmira. Os raios de luminosidade que descem neste momento tardio sobre as pedras milenares, desenham contornos mágicos em cada canto da cidade tombada sobre si própria, na resistência permanente, aos ventos, às areias, ao tempo e à infinita maldade humana. O templo de Bel, os deuses pagãos que explicavam então a história humana e submetiam o poder terreno às forças da natureza. O arco do triunfo, símbolo de uma vitória que parecia infinda, mas que o viver humano se foi encarregando de destruir. Caminhando entre ruínas, experimentámos ao mesmo tempo, o clamor da vitória e o pavor da derrota. Os passos de povos que aqui chegaram e aqui viveram aparecem-nos numa mistura de grandeza e de declínio. Da grandeza deixaram-nos estas pedras e paredes altivas, amparadas pelo sossego e quietude do deserto e insistindo em bater-se, século após século perante a intolerância e a miséria humana. Neste tempo que nos trouxe até este lugar, onde o olhar vadia entre a nostalgia e a tristeza, tentamos sobreviver a uma melancolia que nos conduz a tempos pretéritos. Quando o futuro é já apenas uma estrada sem saída, só nos é possível voltar-nos para o passado e para o caminho

percorrido, tal como ao vaguear por estas ruínas que outros dias já viveram e descansam agora sobre esta planície de areia, mas nem este isolamento lhes permite escapar ao pesadelo da mão humana que, suportando-se em pretensos deuses, usam a intolerância para apagar da memória o rio da história milenar que a humanidade foi escrevendo num conto evolutivo por todo o terrenal planeta. A anciã Palmira, mostra-nos como a inteligência e a destruição caminham pelo mesmo atalho da vida e a cada avanço da primeira, responde um grau de grandeza da segunda. O sol esbate-se agora num amarelo fosco esfarrapado de vermelhos ardentes sobre o horizonte que o olhar alcança. Na verdura dos hortos que rodeia a velha cidade, deixamos o pensamento à solta, errando preguiçosamente por entre as sombras que se vão espalhando. Sentimos os sons de uma sinfonia harmoniosa estender-se sobre o lugar, e acreditamos escutar de novo, o apelo para os crentes se dirigirem a Deus, na mesma ocasião que o replicar dos sinos ao longe na cidade dos mosteiros. Quando nos deleitamos bebendo estes sons diluindo-se, alcança-nos as duas perguntas que há muito nos encham a reflexão da vida, *“por quem dobram os sinos?”* e o que fazemos aqui? Os sinos, sem dúvida que dobram pela humanidade, sobretudo, no viver actual pleno de tanta ruína ética e moral. Aqui, nestas paredes que abrigam o acumular do saber, hoje e no passado, tal como em Palmira, procuramos na História as respostas a tantas perguntas que se acumulam. É provável que as respostas não cheguem a alcançar-nos e o som plangente dos sinos continuem a planar no deserto sírio, misturando-se num ardor permanente com os chamamentos para Deus, na tentativa constante de apelar à humanidade para que saiba sobrepor a razão à loucura da ganância e da avareza.

Alexandre F. E. Albergaria Docente

Há uma frase do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein, no seu *Tractatus Logico-Philosophicus*, que sempre me acompanhou: “Os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo.” Quando a li pela primeira vez, confesso que não alcancei de imediato toda a extensão deste pensamento. Hoje, porém, encontro nela a bússola que guia o meu ofício: cada expressão, cada nuance linguística é uma pequena porta que se abre para um mundo novo. E, quando ajudamos alguém a desbravar esse caminho, participamos de uma aventura de constante expansão.

No PEUS, descubro diariamente que nunca é tarde para navegarmos por mares ainda por cartografar. Aqui, o entusiasmo dos estudantes — cada um com as suas décadas de experiências vividas, únicas e singulares — prova que a idade não é um entrave, mas sim um farol que ilumina a aprendizagem. O interesse genuíno por novas formas de expressão e por culturas tão diversas faz com que as nossas salas de aula se transformem num espaço de partilha e metamorfose mútua. Em cada encontro, aprendemos todos: quem ensina e quem aprende.

O meu papel, no meio do PEUS, é o de guiar estas expedições pelas palavras, ainda que, no fundo, sejam os próprios alunos a conduzi-las. A cada semestre, sentimos na pele a força que o domínio de outra língua tem para redefinir os horizontes de quem a estuda. Abrimos portas para a literatura e a história que se contam em inglês, mas também para o enriquecimento pessoal de cada um, quando os temas discutidos passam a moldar visões de vida e de mundo.

Tal como um navegador que consultasse mapas antigos e descobrisse rotas esquecidas, também nós, em conjunto, descobrimos passados e futuros que antes pareciam inacessíveis. Com o estudo do inglês — e das suas muitas variantes — germinam também o respeito pela pluralidade de vozes e a consciência de que, através das palavras, podemos recriar a realidade.

Recordo-me de um verso bíblico que simboliza o poder fecundo da linguagem, da palavra — o instrumento da criação de

Deus: “Haja luz; e houve luz.” Bastaram poucas sílabas para que algo novo, magnífico, emergisse do vazio. Assim se reflete na sala de aula, quando alguém encontra a expressão certa para verbalizar uma emoção que estava guardada, ou quando um simples diálogo fictício se transforma numa revelação sobre as nossas próprias vivências.

No PEUS, assisto a momentos em que cada pessoa, dotada da sua experiência de vida, acrescenta uma cor distinta ao quadro comum. E acredito que a missão fundamental, tanto minha como de cada um dos que participam neste projeto, é a de manter vivas a curiosidade e a vontade de descobrir. Quando ampliamos o nosso vocabulário, estamos a criar novos “espaços” internos, onde poderá habitar uma compreensão mais profunda de nós próprios e dos nossos pares.

É essa a herança que me comprometo a deixar: a certeza de que, ao expandir os limites da língua, se expande também o nosso universo. Cada aluno que entra na sala traz consigo a possibilidade de desbravar um mundo inteiro — o seu e o do próximo. E, nesse processo, acaba por transformar, simultaneamente, a sua história pessoal e a do PEUS.

Neste espaço de aprendizagem, alargo horizontes ao lado dos meus alunos, testemunhando aquilo que Wittgenstein defendeu há mais de um século: ultrapassamos as fronteiras do possível quando aceitamos que a linguagem é o nosso passaporte para novos mundos. Por isso, ergamos velas, corajosos, e façamos surgir luz onde ainda há sombra. Porque, verdadeiramente, nunca é tarde para começar.

Alípio Barra Aluno

O que faço EU no meio do PEUS? Depende. Subjacente às respostas que vou dar a seguir, haverá um fio condutor que talvez se consiga apanhar antes do fim da encomenda. Nos dias sem a iminência de trovoada, bâtega de água ou queda de neve, EU sou o primeiro a abrir as janelas da sala de aula para a arejar livrando-a dos miasmas dos ocupantes precedentes. Meditando sobre o assunto, concluo que o ato, muito arrojado naqueles dias ventosos que fustigam as torres, criando remoinhos e arrancando azulejos, contribui para um bom relacionamento intergeracional.

EU gosto de um outro gesto que gera geralmente bastante gosto: no período pré-aula, ter uma cavaqueira amena com colegas no bar do segundo piso à volta ou por cima de um café (“over a cup of coffee” como se diz na outra língua que gosto muito de falar).

Os dois gestos atrás descritos suscitam imagens representativas do que EU faço no meio do PEUS. Por exemplo, quando alguém entra na sala uns minutos depois de mim e diz: “Por favor, quem pode fechar aquela janela ao fundo? Não se aguenta esta corrente de ar! Ah ... Foi o senhor! Ok!” Só mais um exemplo. “Aquele colega (EU) disse que o Doutor Luis Amaral devia mandar ler dois livros como preparação para o curso História, Memória e Identidade: *O Labirinto da Saudade* de Eduardo Lourenço e *A Formação de Portugal* de Orlando Ribeiro.”

O PEUS passou a fazer parte de MIM em 2019. Antes existia na minha mundividência, mas longe das atenções, qual bloco de gelo nos confins do sistema solar. De vez em quando, o objeto piscava no meu radar pela mão de um colega aposentado que perguntava “Então, quando te inscreves no PEUS?” Esse foi o período, entre 2011 e 2018, em que, pelas escolhas de vida dos meus dois filhos, antes do Brexit, o Reino Unido originou alternância de estadas cá e lá, em Londres e Cambridge, de semanas ou meses de duração, não permitindo a frequência do PEUS.

Nessa época, afinal de contas, já desenvolvia as estratégias de estudante sénior que, mais tarde, vim só aperfeiçoar no PEUS. Comprava livros - em língua inglesa - pertencentes a áreas do co-

nhecimento fora dos meus temas favoritos até à aposentação, ou seja, a didática do ensino do Inglês como língua estrangeira e o processo de ensino-aprendizagem e entraram a Geografia Urbana Histórica, a Geopolítica, a História do Cristianismo, a Arquitetura Românica, a Literatura com Prémio Nobel... Às leituras somavam-se duas a três horas diárias passadas na Wimbledon Library ou na Central Library, a segunda em Cambridge, onde enchia cadernos de apontamentos. Às vezes, um tópico empertigava-se secando as outras leituras durante dias.

Como já disse, entrei no PEUS em 2019. Passados cinco anos, sinto que a experiência amadureceu e continua gratificante. Os anos dramáticos da pandemia trouxeram clausura e barreiras nunca antes vividas, mas o PEUS soube transformar-se em praça aumentada. Com a ajuda das tecnologias da informação, reencontrámo-nos povoando um ecrã de rostos numa sala de aula virtual imaterial numa praça ilimitada que incluía, sem as demolir, as paredes materiais da FLUP. Fizemos viagens sem sair do lugar, sobrevoámos o empedrado das ruas e praças do Porto com uma professora poeta, com outro mestre calcorreámos mentalmente o cardo e o decumanus de tantas cidades, sorvemos a beleza dos frescos de Nebamun sem nunca termos estado no Antigo Egito. Cada sessão “zoomiana” servia-ME como um comprimido. Estar no meio dessa praça aumentada era como que um exercício de autodefesa contra a depressão e o medo. Após a aula naquela praça imaterial, EU continuava os temas na Internet, nos livros da biblioteca doméstica e nos outros que chegavam pelo correio.

Têm sido muitos os assuntos que ME entusiasмам. Em vários cursos, quando os docentes o sugerem, respondo com pequenos trabalhos baseados em pesquisa. Recordo-me bem de um texto sobre a reconstrução de Londres depois do Grande Incêndio de 1666, tendo, em dezenas de páginas, explanado, sobretudo, a forma como a City geriu a situação financeira. Noutros casos, como aconteceu na História do Cristianismo, fiz alguns resumos de livros escritos em língua inglesa para que as suas teses chegassem a colegas das tais conversas “over a cup of coffee”. Noutros, segui simplesmente os meus interesses, tendo produzido documentos longos, mas ainda por acabar. Por exemplo, ainda recentemente revisei no Museu Britânico em Londres a sala dos frescos da capela-túmulo de Nebamun a que tinha dedicado muitos dias de pesquisa. Também por acabar está uma recolha de quase uma centena de representa-

ções da ceifa através da pintura originada num episódio de uma aula de História da Arte sobre um quadro de Silva Porto. Mas de todas estas derivas, a que ME está a empolgar mais é a pesquisa sobre a nossa Fonte dos Leões e a sua Praça, que origina, para já, um pequeno “livro” em construção a embrulhar algumas teses que não vi publicadas em lado algum e com uma perspetiva diversa da de consagrados autores que a ambas se referiram.

Agora, as propostas de disciplinas para cada novo semestre causam expectativa elevada que se transforma ora em satisfação, ora em desilusão. Partilho informações e emoções com colegas, antecipo dúvidas programáticas e acerto escolhas. Dou comigo a pensar sobre o que EU NÃO faço no meio do PEUS: Porque não posso rever o meu francês? Como aprendi italiano nestes últimos anos como autodidata, um curso PEUS faria jeito. Gostava que muitos professores que tenho conhecido, ainda que de grande craveira académica, se centrassem mais nos alunos dando-lhes espaço de participação, por exemplo, encaixando algumas atividades abertas ou propondo textos para análise. Não me satisfaz ficar calado quando um professor muito versado em teoria da literatura fala durante horas a propósito de um grande livro sem nunca dele ler sequer uma linha.

Que bom estar assim no meio do PEUS!

Amélia Meleiro Magalhães Aluna

Tive conhecimento da existência do PEUS através de algumas amigas e a curiosidade de vivenciar a experiência fez o resto. No princípio, quando decidi fazer a minha inscrição sobressaltavam-me algumas dúvidas sobre o que seria aquele ambiente académico, mas depois, a cada dia, a cada aula, deu para perceber que havia uma possibilidade de poder aprender num ambiente descontraído e desprendido.

O PEUS é uma excelente oportunidade para nos mantermos ativos, iniciar ou aprofundar temas muito diversificados ao gosto e disponibilidade, fortalecendo o espírito de participação e convívio que alimentam o nosso rejuvenescimento mental.

As aulas, as visitas de estudo, a camaradagem que se renova a cada nova participação, mas, também, a envolvimento num ambiente universitário que pensava já muito distante foram e são um excelente contributo para manter uma atividade cultural muito importante nesta fase da minha vida.

Gostaria deste modo de congratular a FLUP, na pessoa da Doutora Graça Pinto, e todo o staff responsável por manter este programa, desejando que continuem a fazer a diferença e a dar rosto a esta ligação da nossa Universidade do Porto com a sociedade civil.

Ana Carolina Avilez de Basto Funcionária

Desde a criação do Programa de Estudos Universitários para Seniores (PEUS), sempre o acompanhei com grande admiração. Ainda que à distância, fui testemunha do impacto positivo que tem na vida dos seus alunos. Nos últimos 11 anos, a trabalhar na Biblioteca da Faculdade de Letras, tive a oportunidade de conhecer alguns dos seus participantes e de perceber o entusiasmo com que falam desta experiência.

O PEUS não só proporciona um ambiente de aprendizagem enriquecedor, como também fomenta uma interação única entre alunos, docentes e comunidade académica. Esta troca de conhecimentos e vivências amplia horizontes, promovendo um espírito de partilha e crescimento mútuo. O contentamento expresso pelos alunos demonstra que este programa vai muito além da educação formal – é um espaço de descoberta, convívio e renovação intelectual.

Tive também o privilégio de fazer parte da montagem da exposição «*O Porto visto pelo PEUS: exposição de imagem e som*», realizada em fevereiro deste ano, no âmbito das comemorações dos 20 anos do PEUS. Esta experiência reforçou ainda mais a minha admiração pelo programa e pelo impacto que tem na comunidade académica e na cidade, bem como o desejo que venham muitas outras décadas de comemorações.

Andrea Rodríguez Iglesias Docente

Pouco depois de começar a dar aulas na Faculdade de Letras, tive a experiência de dar aulas de espanhol em vários grupos no Programa de Estudos Universitários para Seniores. Não foi a primeira vez que tive estudantes seniores, porque o meu primeiro trabalho como docente foi a dar aulas de português na associação Área Ibérica, a um grupo de estudantes na casa dos sessenta e reformados na sua maioria de diferentes áreas.

Não sei dizer se o meu gosto pelo ensino seria diferente se tivesse começado a trabalhar numa escola com um grupo de miúdos ou de adolescentes, mas posso garantir que essa primeira experiência foi muito gratificante, pelo facto de ter um grupo de estudantes que estavam ali porque queriam mesmo aprender, tinham um alto nível de cultura e toda a paciência do mundo com a sua professora recém-licenciada.

Vários anos depois, quando voltei a ter uma turma similar com os PEUS, da Faculdade de Letras, pude voltar a desfrutar de ter alunos com uma curiosidade inata, sem receio de tirar dúvidas e mais brincalhões do que miúdos de primária, além de ter a possibilidade de saborear as aulas de outra maneira, sem o stresse ou a maior preocupação no exame do que no conteúdo da disciplina.

Com um primeiro objetivo de poder aproveitar mais da viagem no final do ano a Espanha ou de poder conversar com os seus amigos e colegas do outro lado da raia, os estudantes seniores queriam aprender, mas sem se aborrecer e estudar por gosto aquilo que lhes podia servir no futuro. Gostava que alguns estudantes da faculdade vissem a energia e entusiasmo deles e ganhassem um pouco de essa determinação de quem quer saber de tudo, porque a última coisa que devemos perder é a curiosidade e a vontade de aprender.

Ângela Maria Rocha Barbosa Aluna

Os 20 anos do PEUS

Frequento o PEUS há alguns anos e, de maneira alguma, penso abandonar este programa que vai fazendo parte da minha vida. Para mim, frequentá-lo foi um regresso à minha vida académica.

Foi, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que me licenciiei em Filologia Germânica. Iniciei o meu primeiro ano na Rua das Taipas, junto à Cadeia da Relação. Germânicas era um curso novo apenas com dois anos de existência. De lá fui para o Campo Alegre, junto ao Jardim Botânico, onde terminei o curso.

Daí o início da minha vida profissional como professora. Foi uma carreira longa, uma vivência rica em aspectos profissionais, pessoais, várias escolas, diferentes locais, alunos e colegas com experiências diferentes...

Uma carreira enriquecedora.

Não poderia deixar que a aposentação fechasse a porta à aquisição de novos conhecimentos. Assim, quando voltei à “minha” faculdade e à frequência do PEUS, abriu-se um novo capítulo na minha vida - enriquecimento dos meus conhecimentos, “aprendizagem” de novas áreas, novos domínios.

Sei que é isso que eu quero.

Assim sendo, não deixarei de frequentar as aulas que são para mim um horizonte rico, quer na base dos conhecimentos científicos, quer nos convívios pessoais.

António da Rocha Coelho Aluno

Depois de uma carreira profissional de 43 anos, tomei a decisão de parar e alterar por completo a minha forma de estar na vida.

Procurei encontrar formas de ocupar o meu tempo, mas sempre com uma finalidade: melhorar os meus conhecimentos. Foi nessa altura que, através de um ex-colega de trabalho e amigo, tive conhecimento do programa PEUS.

Iniciei os contactos com os Serviços da Faculdade de Letras para me informar acerca do funcionamento deste programa; de imediato, fiquei entusiasmado porque encontrei temas que sempre estiveram na minha ideia vir a estudar com mais detalhe.

Conhecer com mais detalhe a História, a Arte, as Pessoas que fizeram da Cidade do Porto o que ela é nos dias de hoje, foi fantástico; por isso, obrigado a todos os que participaram na elaboração das aulas e do ensino.

Mas não ficou por aqui o meu entusiasmo. De seguida, procurei mais e encontrei temas como o estudo da Bíblia, que me fez abrir novas formas de olhar para o presente e futuro.

Na área política foi entusiasmante conhecer a época do vintismo em Portugal.

Pelo empenho dos professores e colegas e por tudo o que até agora nos foi dado,

Obrigado a Todos!

António Costa Funcionário

Regresso ao Futuro

Corria o ano de 1985 quando o filme realizado por Robert Zemeckis, intitulado *Back to the Future*, foi apresentado ao mundo. Com um título algo utópico, trata-se de um filme que aborda a cumplicidade entre uma personagem mais velha e um jovem de 17 anos. Dessa sinergia resulta uma aventura que desafia as leis do espaço e do tempo.

No início de 2025, a Doutora Sónia Duarte solicitou a minha colaboração para a organização da exposição *O Porto visto pelo PEUS: exposição de imagens e som*. O meu papel seria simples: auxiliar alguns alunos na gravação áudio de pequenos testemunhos. Como é óbvio, aceitei de imediato o desafio.

Como diria o saudoso Vinícius de Moraes, “De repente, não mais do que de repente”, senti o prazer de ouvir pequenos testemunhos narrados por alunos que verdadeiramente sentiam cada palavra que gravavam.

Estou habituado a trabalhar com estudantes universitários, com idades compreendidas entre os 18 e os 23 anos, onde eu, com os meus atuais 44 anos, sou o mais velho. “De repente, não mais do que de repente”, os papéis inverteram-se, senti-me um pouco como o jovem Marty McFly a ouvir vários Dr. Emmett Brown. Assim, “De repente, não mais do que de repente”, deixei de estar rodeado dos “tradicionais” estudantes universitários para estar com os estudantes do PEUS, que revelaram uma energia, um dinamismo e uma boa disposição capazes de surpreender qualquer um.

Caro leitor, bem sei que já não tenho a idade que o jovem Marty McFly tinha em 1985, mas esta experiência com os alunos do PEUS tornou-se inesquecível.

Esta experiência também se revelou de extrema importância, pois ajuda a comprovar que a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com toda a sua dinâmica, pode e deve estar aberta a todas as gerações.

Apenas tenho a agradecer à Doutora Sónia Duarte e à Doutora Maria da Graça Pinto pela oportunidade que me deram de colaborar com o PEUS.

António Manuel Castro da Silva Aluno

Com uma formação eminentemente técnica, já que sou ... ou tenho sido engenheiro eletrotécnico na área de ferrovia senti um apelo para áreas do conhecimento que, no entanto, sempre namorei de longe.

Sorte a minha, porque se fizesse o caminho contrário nesta fase da vida não seria possível.

Aqui estou com a curiosidade que sempre me acompanhou a descoberta de novos mundos e como dizia um poeta da minha terra, Sebastião da Gama: “.... *É pelo sonho que vamos.*”

Carmen Alice da Silva Pires Aluna

A minha decisão de abandonar o mercado de trabalho, regressar ao meu País após 7 anos de ausência levou-me a repensar e reestruturar a minha nova vida.

A procura de programas para adquirir novos conhecimentos levou-me à FLUP onde eu sempre gostaria de ter tido a minha formação académica.

Já tinha frequentado os estudos de mandarim há cerca de 15 anos, o que me deixou bastante agradada e com a promessa de voltar um dia.

E aqui estou eu.... Encontrei o programa PEUS e de imediato senti que seria uma ótima opção para os meus objetivos.

Sou aluna recente, inscrevi-me em 2024 e tenho frequentado diversas disciplinas com grande motivação.

O impacto na minha saúde mental e física é extremamente positivo pois para além dos conhecimentos adquiridos enfatizo o aspeto da socialização, da integração e acima de tudo dá-me um propósito de vida.

Acabei por conhecer um grupo de amigas (Helena/M. João/Florinda/Amélia) que me têm dado um grande incentivo, energia, e estímulo para continuar nesta nova etapa.

Obrigada à FLUP obrigada ao PEUS pelo projeto com tão grande significado que nos permite ter experiências enriquecedoras nesta fase das nossas vidas.

Daniel Cardeira Docente

No ano letivo de 2022/2023, aceitei o desafio da Professora Doutora Ana Cristina Sousa de propor uma unidade curricular integrada no Programa de Estudos Universitários para Seniores (PEUS), da FLUP. A ideia foi conciliar a aprendizagem prática da minha licenciatura em Pintura e da experiência em atividades de expressão plástica, com os conhecimentos adquiridos durante o mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual e no doutoramento em Estudos de património. Propusemos, assim, a criação da unidade curricular “História da Pintura e Prática do Desenho”.

De modo efetivo, propôs-se uma incursão na História da Arte mediante o exercício do desenho e da pintura, partindo da exploração dos materiais e técnicas utilizados na produção artística. A partir do desenho, ambicionámos também fomentar a observação ativa essencial ao conhecimento e prática artística. Esta abordagem colocou alguns desafios. No que diz respeito às condições de trabalho, a ausência de uma sala com características de atelier limitou a escolha dos materiais a usar. Por outro lado, a proposta que se apresentou como uma novidade corria o risco de não corresponder às expectativas dos discentes.

As inscrições foram suficientes para abrir a unidade curricular e a participação entusiasta com que fomos recebidos afastou qualquer insegurança.

Poder partilhar o conhecimento prático a um grupo motivado foi gratificante. O interesse e empenho demonstrado deu-nos segurança para explorar de forma descomplexada noções estruturais da linguagem gráfica como o uso do ponto, da linha, da mancha e da gradação de cor, assim como vários meios riscadores e aquosos, nomeadamente a grafite, o carvão, a tinta-da-china, a aguarela, os lápis de cor e o pastel.

Através da exploração das técnicas e dos materiais aproximámos os discentes das obras de desenho e pintura numa perspetiva de produção. Também procurámos proporcionar o contacto direto com obras que pudessem demonstrar os conceitos lecionados. Para isso, visitámos a exposição “Signos e Figurações” no Museu de Arte

Contemporânea de Serralves, que apresenta obras do artista Joan Miró. Trata-se de um artista particularmente ajustável a esta Unidade Curricular pois a sua obra aborda, através do desenho, da pintura e de objetos tridimensionais, muitas das ideias trabalhadas em sala de aula.

O entendimento da produção artística na diacronia foi conjugado com a origem dos materiais e das técnicas, estimulando a compreensão do objeto artístico mediante as possibilidades plásticas emergentes.

Destacamos a nossa insistência na experiência dos meios explorados através da criação de um caderno portátil de desenho a que chamámos Diário Gráfico. Este foi o ponto de partida para incentivar à prática das matérias lecionadas. O Diário Gráfico ajudou-nos igualmente a ultrapassar as limitações inerentes à ausência de atelier e motivou o que considero ser o ponto alto desta jornada, as saídas para desenhar à vista no Jardim Botânico do Porto. Este foi o pretexto ideal para aplicar os conceitos desenvolvidos fora do contexto de sala de aula.

O entusiasmo e a dedicação dos alunos criaram um ambiente dinâmico, onde a troca de vivências e a discussão dos conteúdos enriqueceram cada uma das sessões. As diferentes perspetivas aprofundaram não só a aprendizagem dos discentes, como também a minha própria visão dos conteúdos. O valor da aprendizagem ao longo da vida ficou assim demonstrado, o que me motiva a continuar o caminho da partilha de conhecimento. Espero, em breve, voltar a colaborar com os PEUS.

Diana Felícia Docente

Ninguém é tão grande que não possa **aprender**, nem tão pequeno que não possa **ensinar**.

O meu percurso no PEUS iniciou-se em 2021 como formadora na disciplina de Artes Aplicadas, lecionada em parceria com a Doutora Marisa Pereira Santos. Desde então, ocupei-me também das Unidades Curriculares Jardins, Praças Públicas e Cemitérios no Porto, História da Arte I e História da Arte II.

O PEUS foi o início de uma carreira profissional na formação, possível apenas pela confiança contínua da Doutora Ana Cristina Sousa e do Doutor Hugo Barreira, docentes responsáveis pelas Unidades que lecionei e também eles antigos formadores deste Programa, que me estenderam esta oportunidade e permitiram que apresentasse as minhas propostas.

Pelas minhas turmas passaram 189 alunos ao longo destes cinco intensos anos. Com eles partilhei inúmeras experiências, conhecimento e opiniões, num percurso que acompanhou grande parte do meu doutoramento.

O PEUS é um espaço de confluência entre gerações, onde a partilha é sempre multidirecional. Aqui tive a oportunidade de visitar temas históricos que me são muito caros, de participar no desenvolvimento de novas disciplinas e de comunicar as conclusões que ia retirando do meu processo de investigação. Os meus alunos foram (e são), por isso, um apoio constante, uma fonte de incentivo e um desafio contínuo.

A todos, um enorme obrigada.

Diogo Ribeiro Funcionário

Percurso temporal dos estudantes no Programa de Estudos Universitários para Seniores (PEUS)

Enquanto membro da Unidade de Apoio à Gestão, e em colaboração com os colegas da Unidade de Formação Contínua, responsável por todos os procedimentos administrativos do PEUS, foi-nos solicitada a recolha e o tratamento de estatísticas provenientes das atividades letivas deste programa, com o objetivo de contribuir para a criação de uma memória desta formação ao longo da última década. Foram estas tarefas que nos colocaram em contacto com a formação direcionada à população sénior, tanto ao nível da oferta formativa como da procura por parte dos formandos e das suas características. Neste contexto, surgiu a questão: “Como foi, ou tem sido, o percurso destes estudantes nesta formação?”

Com o intuito de compreender o percurso dos 477 estudantes inscritos no PEUS nos últimos 10 anos, importa perceber o número de inscrições que estes estudantes efetuaram. Os dados apresentados referem-se ao número de inscrições dos estudantes nos diferentes anos letivos (Figura 1). Analisando o número de inscrições de cada estudante, percebemos que cerca de 69% dos estudantes frequentaram mais de um ano letivo deste programa de estudos, face a cerca de 31% que registaram apenas uma inscrição.

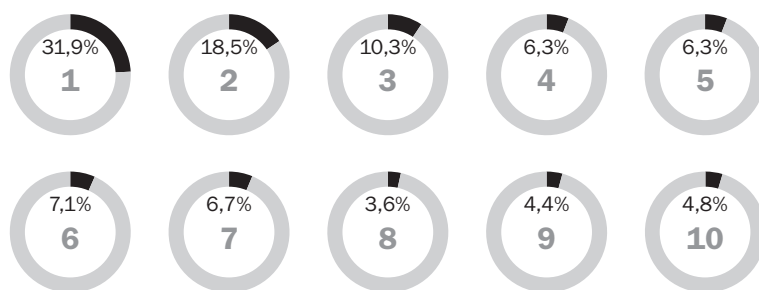


Figura 1 - Número de Inscrições

Percentagem do número de anos em que cada estudante se inscreveu, entre o ano letivo de 2015-16 e o ano letivo de 2024-25, em relação ao número total de indivíduos. Fonte: UEC; Web GA (19 de março de 2025)

Numa análise detalhada dos dados, revelam-se algumas tendências interessantes da distribuição das inscrições dos estudantes:

Com uma inscrição, existe o maior número de estudantes, com 152 alunos, representando 31,9% do total, quase um terço do total de estudantes.

Com duas inscrições, seguem 88 estudantes, correspondendo a 18,5%.

A partir de três inscrições, observa-se uma diminuição gradual no número de estudantes, com 49 alunos (10,3%), 30 alunos com quatro e cinco inscrições (6,3% cada) e 34 alunos com seis inscrições (7,1%).

Os números de inscrições subsequentes mantêm uma distribuição relativamente estável, com 32 alunos nas sete inscrições (6,7%), 17 alunos nas oito inscrições (3,6%), 21 alunos com nove inscrições (4,4%) e 23 alunos (4,8%) com inscrições ao longo dos 10 anos em apreço.

Concluimos que esta análise dos dados revela que cerca de um terço dos estudantes frequenta o curso apenas por um ano letivo. No entanto, a percentagem de estudantes com mais de uma inscrição em anos subsequentes é significativamente maior.

Élio Ribeiro Aluno

Fragmentos

Setembro, 1972

- Olá, Élio!
- Boa tarde, Professor Humberto.
- Então, já decidiste o que vais estudar? Espero que seja História!
- Não Professor, vai ser Engenharia.
- Tenho pena, esperava que continuasses a ser meu aluno.
- Infelizmente, não! Para já, quero estudar o futuro: eletrónica, computadores, ..., mas prometo que um dia vou estudar o passado – adoro História!

Ano 0 DQ, Mês 1

Não sei como vim parar aqui. Estou preso neste campo no meio da savana, correntes nas pernas, correntes nos braços. Estes tipos à minha volta parecem militares, mas não percebo porque estou preso com eles. Pelo calor e por o que consigo ver do exterior estou em África, mas não faço ideia onde.

Estou preso outra vez. Isto é um anfiteatro e está cheio de gente. Não me consigo mexer, tenho os braços algemados e presos à cadeira, as pernas algemadas e presas também, sinto algo no pescoço que não me deixa mexer a cabeça. À minha volta estão todos presos também. Ouço gemidos e vozes baixas, mas eu não consigo falar, não sai nenhum som.

Dizem que estou em Northumberland, norte de Inglaterra. Não sei se é assim, nunca estive aqui. Não sei como vim parar aqui, quem me trouxe, como vim de África, porque não estou em Portugal. E porque estou preso! O que é que eu fiz para estar aqui?

Ano 0 DQ, Mês 2

Olá, Élio. Acordaste? Estás no Hospital de São João.

Estou numa experiência feita em conjunto com o Hospital de São João?

Estás entubado e com uma série de aparelhos de suporte de vida. Estás na UCI

Parece que me libertaram, já não estou algemado. O que estão estas pessoas a fazer à minha volta, com batas verdes e azuis. Será que me vão prender outra vez? Não quero mais estar preso! Mas não consigo sair daqui e não consigo falar para pedir ajuda... e será que me levam para Portugal agora?

Caíste na rua, desmaiaste com uma arritmia. Alguém chamou o INEM e levaram-te para o Santo António. Tiveste de ser operado à cabeça por causa da queda e colocaram-te um Pacemaker. Tiveram de te transferir para o São João porque precisaste de uma ECMO. Neste processo todo apanhaste uma bactéria multirresistente, uma *Pseudomona*, e a infeção evoluiu para Sepsis. Estiveste em coma induzido até hoje; estás entubado, com suporte de oxigénio e ligado a uma máquina de hemodiálise. Parece que só reagiste ao 3º antibiótico, o teu estado era tão fraco que te injetaram um medicamento para não te mexeres – não conseguiram evitar que se criasse uma escara, daí teres também ligado um equipamento de vácuo para tratar dela.

Estou confuso. Não sei onde acaba o sonho e começa a realidade. Não estou preso, estou a ser tratado. Percebo que estou muito doente, mas não me consigo mexer muito, não consigo falar nem comer, estou dependente para tudo. Curioso: eu que nunca me lembro do que sonho, consigo lembrar-me do que sonhei durante o coma! As partidas que a mente nos prega: percebo porque estava preso, mas África? E porquê o Norte de Inglaterra? Será que o regresso a Portugal significaria o regresso à vida?

Ano 0 DQ, Mês 3

Hoje puseram-me num Plano Inclinado – ou seja, finalmente levantei-me da cama. Foram precisas 3 pessoas para me ajudar a transferir da cama para aquela cama de madeira a que chamam Plano e que dá para subir um dos lados – fiquei numa posição vertical, o que já não acontecia há muito tempo. E toda a gente na Unidade ficou contente por me ver assim – apesar de eu parecer Lázaro, só com uma fralda e menos uns 25Kg do que tinha!

Ainda não falo, continuo traqueostomizado. As pessoas à minha volta estão a aprender leitura labial à força, mas às vezes sinto-me frustrado por não me perceberem. Tentei escrever, mas não

consigo manter a mão firme; o que resulta, com dificuldade, é escrever no telemóvel.

Tenho visitas todos os dias, uma pessoa de cada vez, duas no total no máximo. A minha mulher, os meus filhos, os meus irmãos – mesmo quando estive em coma vinham sempre. É bom sentir que gostam de nós, que querem dar-nos a força que precisamos para continuar a recuperar. Tenho de ter força, tenho de conseguir!

Parece que a partir de hoje começo a comer papas! Já não é pelo tubo. Mas alguém tem de me dar a comida, estou dependente para tudo. Esta é a parte pior, não conseguirmos fazer nada, termos de chamar alguém sempre que precisamos de algo. O bem mais precioso que tenho de momento é o botão da campainha para chamar ajuda! É a única preocupação que tenho agora – saber onde está o botão da campainha! Sem ele não existo...

Fantástico! Hoje falei! Bom, não a minha voz, mas aquele som metálico que sai de um tubinho na traqueia. Mas vamos lá chegar....

Amanhã vou deixar a UCI, vou ser transferido para a Enfermaria. Parece que o pior já passou: 5 semanas em coma, 2 meses e meio em Cuidados Intensivos!

Mais duas semanas passaram. E hoje fui ao chuveiro, finalmente um duche! Já consigo passar melhor da cama para a cadeira de rodas, as coisas vão evoluindo. Já estou muito mais independente, até consigo ler!!!

A pouco e pouco vão-me retirando as máquinas, já só resta mesmo a de vácuo para a escara. Aqui na Enfermaria apanhei Covid – só faltava mesmo esta!!!

Ano 0 DQ, Mês 4

Tempo de reabilitação! A partir de agora vou estar internado no Hospital da Prelada – várias horas de fisioterapia diária que os músculos bem precisam!

Não é que dei um passo hoje! Um não, alguns... bem preso, com ajuda, mas ANDEI!!!

E tenho mais força nos braços, já consigo “conduzir” a cadeira de rodas.

Ano 0 DQ, Mês 5

E começo a conseguir vestir-me sozinho. Bem, as meias e os ténis ainda não, mas lá chegaremos, não tenho dúvida.

Dia de “saída precária”, como lhe chamo. Pela primeira vez em 5 meses saí do Hospital, fui passar o fim de semana a casa! Não há palavras...

E a partir de agora os fins de semana serão em casa – ida ao sábado de manhã, regresso no domingo à tarde. Sempre com a cadeira de rodas atrás!

E já ando! Já ando bastante. Com a ajuda do fisioterapeuta, damos grandes passeios pelos corredores e pelos jardins do Hospital. Já praticamente não uso a cadeira!!!

Ano 0 DQ, Mês 6

De regresso a casa. Em definitivo. Não mais Hospitais – agora, só em ambulatório: continuar a fisioterapia diária, fazer o acompanhamento médico que seja necessário, mas sobretudo, recomeçar a viver! Tratar da Reforma. E quando conseguir ter força, viajar, poder ir visitar os meus filhos e estar com os meus netos: 3 filhos e todos a viver no estrangeiro!

E se conseguir mesmo recuperar, cumprir a promessa que fiz ao Professor Humberto – voltar a estudar História: vou tentar frequentar um dos cursos da Faculdade de Letras para Seniores de que me falaram tão bem.

Ano 0 DQ, Mês 8

Mais um passo para a estabilização – dia de fazer uma cardioversão elétrica. Com anestesia geral. Para ver se a arritmia desaparece.

Ano 0 DQ, Mês 10

Último dia de Fisioterapia. A partir de agora, 3 vezes por semana no ginásio! Uma nova fase: não posso dizer que estou como era antes, mas o importante é que estou cada vez mais autónomo. Pronto para tudo.

Ano 1 DQ, Mês 1

Foi há 1 ano. Foi há 1 ano que tudo aconteceu. Há acontecimentos assim na vida das pessoas, aqueles acontecimentos em que há um Antes e um Depois. 1 ano **Depois da Queda**.

O Antes, que foi a maior parte da minha vida, aquilo que fez de mim quem sou, com todos os meus sucessos e os meus insucessos.

E o Depois. O foco na sobrevivência. O foco na reabilitação. Quase aprender a fazer tudo de novo, em que o Antes parece ter existido numa vida diferente.

Um Depois que em muitas situações se converte numa nova realidade. Ou um Depois que pode ser só um intervalo, um parêntesis na linha de vida, até podermos voltar a ser algo próximo do que já fomos. É essa a ambição, é para isso que lutamos.

Ano 1 DQ, Mês 2

A Arritmia ainda não está resolvida. Estou aqui na sala de Cirurgia Cardíaca do Santo António. Uma ablação – pensei que ia estar anestesiado, mas não: sigo o procedimento todo, sinto uma pequena dor no peito, mas suportável. Incrível o avanço da Medicina!

Ano 1 DQ, Mês 4

Hoje recebi a confirmação que a minha candidatura para um dos cursos da Faculdade de Letras foi aceite! É para mim tão importante!

Tempo de cumprir promessas! Tempo de novos desafios! Tempo de fechar o parêntesis!

Ano 1 DQ, Mês 5 Outubro 2024

O que faço EU no meio do PEUS?

Finalmente, uma vida normal!!!

Fátima Lisboa e Cláudia Moreira Funcionárias

É com grande satisfação e profundo sentido de responsabilidade que a Unidade de Eventos, Comunicação e Relações Externas tem vindo a colaborar com a Professora Doutora Maria da Graça Pinto no âmbito do Programa de Estudos Universitários para Seniores (PEUS).

Enaltecemos a relevância do PEUS enquanto projeto transformador que valoriza o conhecimento, a inclusão e a participação ativa da população sénior na vida académica e cultural.

Participar neste projeto é mais do que uma atividade profissional — é uma experiência muito enriquecedora a nível pessoal. Tem sido, também, muito gratificante ir acompanhando estes 20 anos de um programa que se tem desenvolvido com enorme sucesso. Parabéns ao PEUS, aos alunos do PEUS e, em especial, à Professora Doutora Maria da Graça Pinto cuja dedicação ao projeto tem sido deveras inspiradora.

Fátima Outeirinho Docente

Curadoria literária partilhada, nos 20 anos do PEUS

Em *Se numa noite de Inverno um viajante*, recorrendo à figura de um leitor, Italo Calvino aponta para uma tipologia dos livros que não lemos, integrando, entre a mais de uma dezena de categorias elencadas, as seguintes duas: “Livros Que tens Intenção De Ler Mas Antes Devias Ler Outros” e “Livros Que Há Tanto Tempo Programas Ler” (Calvino, s.d.: 23). Se a estas acrescentarmos agora uma terceira, a dos Livros Que Não Sabias Que Irias Gostar De Ler, talvez tenhamos reunidas algumas pistas explicativas e contextuais para pensar a existência de um módulo sobre Literatura (a dado passo intitulado *Grandes Livros, Grandes Obras*), no *Programa de Estudos Universitários para Seniores* agora a fazer vinte anos.

A presença da Literatura, no programa de estudos oferecidos, foi sempre sinal de uma ação de curadoria literária não negligenciável. Com a seleção e organização dos objetos de atenção a considerar neste projeto de formação livre, esteve em causa a proposta de uma prática de leitura que atentasse em obras de autores mundialmente reconhecidos e oriundos de diversos horizontes culturais e linguísticos, com frequência no quadro de uma Literatura-Mundo (Damrosch, 2003), procurando valorizar todo um leque genológico variado.

A minha colaboração, aqui e ali, nesta linha cronológica de duas décadas do PEUS, procurou ser ela também uma presença de curadoria, apoiada no espírito de algumas proposições de definição do que é um clássico, dadas por Italo Calvino: “Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os leu e amou; mas constituem uma riqueza nada menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas condições melhores para os saborear.” E “O nosso clássico é o que não pode ser-nos indiferente e que nos serve para nos definirmos a nós mesmos em relação e se calhar até em contraste com ele.” (Calvino, 2015)

Assim, *Madame Bovary* de Gustave Flaubert, *As Naus* de António Lobo Antunes, *As Mil e Uma Noites*, *O último dia de um condenado* de Victor Hugo e *Ela e Ele* de George Sand, obras tão diver-

sas entre si, foram (re)lidas, saboreadas, numa atenção a dinâmicas de *close reading*, e sempre, sempre, numa partilha de leituras do docente (mediador e curador literário) e dos formandos, leitores especiais, pois já conquistados para o prazer de ler, para o prazer do convívio com o texto literário, antes mesmo das experiências singulares com as obras escolhidas.

Dei-me então conta de que a dinâmica de curadoria literária que estava a ter lugar era, afinal, bidirecional; um processo colaborativo de atenção ao literário, de amor à Literatura, de todos aqueles que, em torno de um mesmo texto, o faziam viver de novo e de forma renovada. Ora, essa dinâmica tem vindo a intensificar-se com o tempo e, atualmente, o protagonismo desses leitores-curadores passa por uma e outra vez sugerirem uma outra obra, um outro autor, desafiando os docentes-leitores a irem ainda mais além no seu exercício de curadoria literária.

Pela experiência que me foi dada viver, bem hajam!

Referências

(1993-1994). *As Mil e Uma Noites*. Trad. Manuel João Gomes. Lisboa: Círculo de Leitores.

Antunes, António Lobo (2002). *As Naus*. Lisboa: Dom Quixote.

Calvino, Italo (2015). *Porquê ler os clássicos?* Trad. José Colaço Barreiros, Lisboa: Dom Quixote.

Calvino, Italo (s.d.). *Se numa noite de inverno um viajante*. Lisboa: Vega.

Damrosch, David (2003). *What is World Literature?* Princeton: Princeton University Press.

Flaubert, Gustave (1991). *Madame Bovary*. Lisboa: Relógio d'Água.

Hugo, Victor (2010). *O último dia de um condenado*. Lisboa: Biblioteca Editores Independentes / Cotovia.

Sand, George (2021). *Ela e Ele*. Trad. Inês Pedrosa. Ericeira: Sibila Publicações.

Fernanda Branca Castro Aluna

O que é para mim o PEUS

Como muitos dos meus colegas, reformei-me cedo, pois que, também, bem cedo comecei a trabalhar.

Em 1966, a maior parte dos nossos jovens rapazes, para não dizer todos, eram recrutados para as nossas províncias ultramarinas, assim eram apelidadas na altura...

Por essa razão foram dadas muito mais hipóteses, a jovens raparigas, de um emprego.

Com saúde e uma imensa vontade de ajudar o próximo, inscrevi-me em Voluntariado Hospitalar.

Quando ainda criança, gostava de ter tirado o curso de Enfermagem, dada a minha admiração por Florence Nightingale, mas estava fora da autorização paternal (hoje tenho um filho enfermeiro).

Inscrita, pois, no Voluntariado, dei o meu contributo nas Urgências, durante 11 anos.

Até que tive de fazer “voluntariado” em casa. Devido a doença do meu marido e consequente cegueira...

Durante mais de um ano, assim aconteceu...

Partiu e fiquei novamente livre para continuar fora a fazer aquilo de que gostava. Dar um pouco de carinho e atenção ao próximo...

Mas aí pôs-se-me um enorme dilema... já não tinha energia, nem alento para mim, muito menos para dar...

Uma querida amiga, que me conhecia minimamente, aconselhou-me a ir inscrever-me no **PEUS**.

Estava no limite a data das inscrições.

E lá fui eu com uma amiga saber quais eram as condições para ter acesso.

Estava dentro das condições; fiquei inscrita...

Já lá vão 6/7 anos, participei em tudo.

Fui aos debates de 19, que adorei, desde a Igreja da Lapa, à Casa do Infante, etc.

Adorei as disciplinas em que me inscrevi...

Adorei a Viagem a Zlin, Rep. Checa, e, como costume dizer, fiz Erasmus...

Vi a plantação da Oliveira da Paz e, sempre que havia debates, lá estava eu...

Jantares, viagens, etc.

Adorei a cumplicidade e companheirismo, até que fomos interrompidos por uma pandemia “maldita”.

Foram novamente repostas as aulas presenciais, voltei à FLUP e para o **PEUS**.

Antes das aulas encontramos-nos no Bar do 2º andar, onde confraternizamos com os colegas, trocamos experiências, que nos enriquecem, num espaço calmo, lindo, com umas vistas surpreendentes.

Com outros colegas e com a bênção dos professores, tenho organizado visitas de estudo, que todos adoramos; acompanhei a visita que nos fizeram os checos com os professores e mostramos-lhes o nosso Porto, e a FLUP...

Há uma grande camaradagem entre os colegas, trocamos experiências profissionais e pessoais.

Tenho aprendido muito no **PEUS**. Os Professores sempre solícitos em nos esclarecer “dúvidas”, que por vezes surgem. Acho que a amizade que nos une uns aos outros se mantém para além das aulas...

Sem dúvida que gostaria que houvesse muito mais cooperação entre todos, **FLUP**, **PEUS** e alunos, em relação a novas matérias e visitas no terreno.

Uma grande xi coração, com muito carinho.

Florinda Martins Aluna

O que fazemos nós aqui,
Procuramos, labutamos,
Nas mentes o que sabemos,
O que soubemos, o que saberemos ainda,
na luta camuflada e descaradamente,
Contra o tempo que tiquetaqueia sem parar,
Talvez não possamos ganhar,
Mas vamos continuar,
assim, enquanto as forças resistirem e as gargalhadas ecoarem.

Horácio Boulhosa Aluno

O ano de 2015 foi um ano de sentimentos antagónicos; pela negativa, porque representou o final de uma carreira profissional de 48 anos e, pela positiva, o nascimento do meu primeiro neto.

Se o primeiro evento significou uma radical mudança das minhas cristalizadas rotinas, que procurei colmatar com longos passeios pelas margens do rio Douro e pelas praias de Gaia, com a descoberta dos cantinhos de Gaia e do Porto, que finalmente consegui ver e sentir, com o regresso às salas de cinema com muito maior frequência e com hábitos de leitura.

No segundo caso, depois dos sustos iniciais relacionados com o nascimento prematuro do meu neto, tomei em mãos uma tarefa que nunca tinha imaginado: tomar conta do meu neto aquando do regresso da minha filha ao trabalho.

Esta experiência, que voltei a repetir por mais duas vezes, foi a mais marcante na minha vida.

Quando chegou a hora do meu neto dar o salto natural para o infantário, voltei aos hábitos adquiridos após a saída do mercado de trabalho.

Foi, neste momento, que senti a necessidade de preencher o meu dia a dia com algo mais enriquecedor.

Como gosto muito de história e também sou curioso sobre as histórias e as lendas e mitos dos lugares e localidades, com a natural apetência pelo Porto, pesquisei as ofertas disponíveis que dessem sentido às minhas preferências; foi então que identifiquei o Programa PEUS.

Tomei conhecimento das regras de ingresso e Plano Programático e decidi fazer a minha primeira inscrição, no primeiro semestre de 2019, no tema “História da Alta Idade Média”.

A experiência foi positiva e muito estimulante e manteve a frequência nos seguintes semestres, tendo então frequentado os temas: História da Europa, História Medieval de Portugal I, Roteiros Históricos do Porto, História Medieval de Portugal II, Portugal História, Memória e Identidade, História Política de Portugal Contemporâneo do Vintismo ao Estado Novo I, A Segunda

República Espanhola e a Guerra Civil e Jardins, Praças e Cemitérios.

Durante este período sofremos a Pandemia do Covid que baralhou de forma impactante o nosso dia a dia, com fortes limitações de mobilidade, de laços familiares, do nosso lazer e convívio e naturalmente de frequência escolar.

No que diz respeito à frequência escolar, tivemos uma interrupção curta, passando depois pela frequência das aulas através de videoconferência e, numa segunda fase, presencial, mas com o incómodo do uso das incómodas máscaras a que acrescia a distância física.

No primeiro caso a experiência foi um sucesso, pese embora algumas dificuldades iniciais, estávamos todos a aprender uma nova forma de dar e estar nas aulas, mas a ausência do normal contacto pessoal e presencial e uma maior dificuldade nas interações teve um impacto muito forte, apesar do esforço notável da Doutora Raquel Patriarca que tudo fez para nos manter atentos e motivados.

No segundo caso, o que retenho é uma imagem quase fantasmagórica de um conjunto de pessoas afastadas umas das outras e mascaradas.

Uma curiosidade, neste período único das nossas vidas, nasceu a minha neta.

Chegado aqui, e em jeito de conclusão, a experiência do PEUS excedeu as minhas expectativas iniciais, cimentei os meus conhecimentos sobre a História de Portugal e da Europa, passei a olhar de uma forma mais atenta e crítica para várias vertentes da cidade do Porto, desde a sua origem e sua evolução.

Como reconhecimento das mais valias que o Programa PEUS teve na minha vida pós-laboral, vou andar por aqui até que me seja possível, isto porque há sempre algo para aprender.

Ida Maria dos Santos Correia Bessa Aluna

O PEUS para mim é um desafio.

Desafio-me.

Sou desafiada.

Aceito o desafio.

Inês Bacelar Aluna

A minha frequência no PEUS iniciou-se em fevereiro de 2014, quando me reformei.

Comecei por frequentar História de Arte, História do Séc XX e História Medieval.

Logo me deparei com um bom ambiente, colegas cheios de entusiasmo e a partilha de um prazer de aprender a saborear o tempo.

Aulas lado a lado com jovens, mais novos do que os meus filhos, um mundo de sugestões e conhecimentos, que tentei agarrar depressa.

Os livros acumulados desde os anos 80/90 esperaram com paciência a hora de serem lidos.

Ao longo dos anos e com a orientação e companhia do Prof. Luís Amaral, corremos o país, em viagens de estudo, sob o tema “A construção das fronteiras de Portugal”.

Várias sessões foram organizadas por colegas às quartas de manhã, onde trabalhos e experiências vivenciadas nas mais variadas matérias eram apresentados, visitas a museus e a exposições, que terminavam sempre com o respetivo almoço de convívio.

Não posso esquecer o colega Gonçalo Senra, que expressava a grande alegria de voltar à escola, a Cilinha com o “Hino do PEUS” e a Fernanda Maia, sempre atenta no programa das 4^{as}, bem como a Sofia, o Manel e o João a organizarem os nossos passeios.

É, pois, a vontade de entrar noutros mundos, o gosto de aprender e o salutar convívio que me trazem ao PEUS.

Obrigada, Prof^a. Graça Pinto, e obrigada a todos os Professores que olham para nós como alunos interessados, partilhando conosco todo o seu saber.

Obrigada a todos os colegas e amigos pelas conversas do corredor e encontros no BAR. Obrigada, também a todos os que já não andam por cá e que recordo com saudade.

Bem hajam

Isabel Miranda Aluna

Aprendo, num ambiente caloroso que envolve várias gerações.

Em 1960, ingressei na Escola Primária, em Ancede Baião, em 2023 solicitei o ingresso na Escola Sénior através do PEUS da FLUP, por indicação de uma aluna.

Uma viagem turística ao Egito foi o motivo para solicitar a aposentação a fim de aprofundar conhecimentos nesta civilização assim como na civilização do Império Persa.

Comecei por me inscrever em História de Arte tendo apreciado particularmente as Aulas de Campo e de modo muito especial a Aula de Campo Gulbenkian.

O empenho e sensibilidade da Professora Maria da Graça Castro Pinto, Coordenadora do PEUS, proporcionou acompanhamento da visita da Universidade Sénior da República Checa, a existência de várias conferências com temas de interesse indiscutível, a projeção de filmes com temas incontornáveis, tais como, a escolha de local paradisíaco para os últimos momentos de vida e suas implicações jurídicas ou a ânsia de destruição de postos de trabalho para construção para fins turísticos.

De realçar que o empenho da Professora Maria da Graça é extensível a toda a equipa competente e sorridente que coordena.

A não esquecer a sabedoria e satisfação de todos os Professores na partilha de conhecimentos, vivências e experiências e que nos ensinam que *a idade é um estado de alma*.

Os meus Parabéns ao PEUS pelo trabalho desenvolvido nestes 20 anos.

Isabel Morujão Docente

para a abelha
é difícil deixar para trás
as pétalas da peónia

Bashô – O eremita viajante

Em 2015, aceitei o desafio de propor para o PEUS o Curso “Grandes livros, grandes obras” (que criara e funcionava já para a Formação Contínua *lato sensu*) e lecionar um dos seus módulos. Nessa altura, não conhecia ainda a dinâmica destas aulas do PEUS nem o grupo de estudantes, embora os conhecesse de vista dos corredores da FLUP.

O meu primeiro contacto com eles foi inesquecível, quase desconcertante. Na turma, todos ou quase todos se conheciam e, ainda que com atitudes diversas (mais reservados uns, mais expansivos outros), todos, sem exceção, estavam ali para conhecer algo mais, na expectativa de se sentirem atraídos pelo que, à partida, desconheciam, mas queriam explorar. Fiquei rendida, mal dei a primeira aula: gente encantada, ávida de explicações e saberes, habitada por aquela inquietação primordial de quem quer compreender e unir todas as pontas deste novelo tão embrulhado e matizado que é a vida e que a literatura tão magnificamente reflete! E não é que liam mesmo as obras do programa? E que expunham as dúvidas em torno de certas passagens? E que opinavam e relacionavam os textos com a já longa experiência de vida e de leitores que traziam?

Então senti saudades dos anos mais recuados em que dei aulas, do tempo em que os alunos se preparavam, como estudantes universitários que eram, para serem críticos, competentes, consistentes e cultos. Ali, com os *seniores*, imagem agora atualizada dos estudantes que, no seu tempo, terão sido, percebi o quanto andava sôfrega de aulas com alunos recetivos e entusiasmados, tão contrastantes com os que os novos tempos tornaram apagados, baços, apáticos, imprevistos e pouco imaginativos, salvo as raras e sempre muito honrosas exceções. Voltara a encontrar esse aluno ideal, que, ainda que sem competências e metalinguagem específicas para

abordar um texto literário (na sua maioria, quase todos os alunos *seniores* provêm de outras áreas científicas - da Medicina, do Direito, da Engenharia, da Economia, da Gestão, etc.), o fazia viver, tornando-o seu. E é isso a leitura!

O que faço eu no meio do PEUS? Confirmo que gosto, intrinsecamente, de dar aulas. E de alunos. E que o PEUS me devolve o alvoroço dos primeiros tempos, com desafios, questionamentos, opiniões diversas... O que faço eu no meio do PEUS? Vou dando resposta às sucessivas solicitações destes estudantes, porque, depois da sua fase ativa de trabalho, “para a abelha/ é difícil deixar para trás/ as pétalas da peónia”.

Jaime Sá Aluno

Quando me pediram um testemunho sobre o PEUS, hesitei. Estava apenas no primeiro semestre e achei que ainda não tinha experiência suficiente para dar uma opinião fundamentada. Sentia-me um verdadeiro caloiro.

No entanto, dias depois, ao visitar a exposição “O Porto visto pelo PEUS” e folhear o livro dos dez anos do programa, algo mudou. Surpreendentemente, identifiquei-me com os testemunhos que lia. Percebi que, apesar do pouco tempo, a minha experiência já era rica em conteúdos, aprendizagens e vivências.

Por isso, partilho agora o meu testemunho, que é muito positivo. O programa correspondeu totalmente às minhas expectativas, o formato de uma aula por semana parece-me adequado e destaque, em especial, a dinâmica da professora Sónia Duarte. A forma como se envolveu connosco—nas aulas, nas visitas e nos desafios propostos—fez toda a diferença. O projeto final foi, sem dúvida, uma excelente ideia.

Se tivesse de apontar um aspeto a melhorar, sugeriria uma ligação digital mais simples à Faculdade.

Continuarei no segundo semestre e espero fazê-lo também nos próximos anos.

Parabéns! O PEUS é um excelente programa.

Jana Semotamova Docente da Universidade de Tomas Bata,
Zlín, República Checa

Seniors Jet Off to Porto – U3A in Porto

In October of this year, our university successfully organized an educational trip for 20 students from the University of the Third Age (U3A) to Porto, Portugal. Thanks to the connections we established in 2019—when UTB in Zlín hosted a highly successful week-long English language course for seniors from U3A in Porto—we were able to embark on an international journey in return.

Our hosts from Universidade do Porto did not disappoint and prepared a program that will be remembered for a long time. This was not a sightseeing tour but a real educational experience.

Mornings were dedicated to lessons on the geography and history of Porto. In the afternoons, participants attended practical demonstrations at various locations in the city, bringing the morning lessons to life.

Portuguese seniors also took part in all activities, making the subsequent interactive English classes full of international discussions and fascinating insights. The engaging atmosphere was so immersive that no one even noticed the storm raging outside—they were entirely absorbed in the learning process. Any initial stress or fear of not understanding quickly disappeared, thanks to the absolutely professional educators who guided us.

All communication—whether with teachers or new Portuguese friends—was conducted exclusively in English. This proved to be incredibly beneficial, as participants realized they could make themselves understood. They saw that learning English is not only trendy but also highly practical in real life. For many, it boosted their confidence in communication.

The fact that we were esteemed guests was further confirmed by the warm welcome from the Dean of the Faculty of Humanities and a special meeting with the Vice-Rector for External Relations. This granted us access to places typically closed to tourists, such as a guided tour of the magnificent historic Rectorate building, including university museums housing rare exhibits. Moreover, we

had professional guides at every step.

“All the people who took care of us were incredibly friendly, which enhanced our experience even more. The Vice-Rector even greeted me with a „high-five“ at our meeting, which is quite unusual in our country—especially in an academic setting. It was a wonderful example of Portuguese friendliness,” noted Jana Semotamová, the event’s organizer and added: “The greatest credit for the entire event goes to a woman of small stature but great spirit, Professor Maria da Graça Castro Pinto, who organized everything at the Portuguese university and made it possible for everyone to take home wonderful experiences and memories.”

Our Portuguese colleagues also had a fantastic surprise in store for us—a visit to the Interdisciplinary Centre of Marine and Environmental Research (CIIMAR), complete with an expert tour. We were astonished by the incredible snail-shell-shaped building, covered in hexagonal tiles resembling fish scales—a fitting design for a place where they even vaccinate fish!

Porto was named the Best European Destination in 2017. It is a beautiful, picturesque city, part of which was listed as a UNESCO World Heritage Site in 1996. As the birthplace of port wine, our visit wouldn’t have been complete without a tour of a port winery, a wine tasting, and an evening listening to the soulful sounds of fado.

The weather forecast for the week had been disastrous. Fortunately, the meteorologists weren’t entirely accurate this time. When the sun finally peeked through the clouds, Porto revealed itself in all its charm—picturesque, colorful, lively, and welcoming. To enhance our cultural experience, we also indulged in Portuguese cuisine, savoring fresh seafood in all its forms—from sardines to oc-

Senioři na cestách aneb U3V v Portu

Pensioners Jet Off To Porto

V říjnu letošního roku se na naší univerzitě podílela zrealizovat výzkumy pro 20 studentů Univerzity v Lisabonu (U3V) do portugalského Portu. Díky kontaktům, které jsme získali v roce 2019, kdy se U3V podílela na výzkumu jazykové katedry angličtiny pro seniore v U3V v Portu, mohli se splnit výzkumy do zahraničí i senioři v U3V.

Univerzita do Portu se rozhodla zapojit a připravit program, na který budou mít senioři výzkumy. Najdou se totiž o poznávání turistický výlet, ale se skutečnou výzkum. Doposledně probíhaly výzkumy v geografii a historii Portu, výzkumy probíhaly památek, alež se účastní i portugalské senioři, a tak následující interakční hodiny angličtiny byly také mezinárodních diskusí. Výzkum účastníci se zúčastní v rámci výzkumu, že se anglicky domov, možná se zúčastní setkání s anglickými senioři a další si, že chodit do angličtiny má smysl.

Portugalské kolony pro nás měla připraveno i jedno fantastické překvapení, a to návštěva Interdisciplinárního centra mořské a environmentální výzkumu CIIMAR a odborných výzkumů. Všechno i na prohlídce nádherné historické budovy včetně odborných výzkumů se v odborných expertizách. Byl rozhodnuté přivést, což jako umělec mále dopřít, uvést anglickou alež Jana Semotamová.

Porto bylo vyhlášeno nejlepší evropskou destinací roku 2017. Je to nádherné, malebné město, které bylo zaplněno roku 1996 na seznam světového dědictví UNESCO a jeho částí byla portské víno. Jemněji jsme tedy odjezd bez nádherné portské vína, alež i na prohlídce nádherné historické budovy včetně odborných výzkumů se v odborných expertizách. Byl rozhodnuté přivést, což jako umělec mále dopřít, uvést anglickou alež Jana Semotamová.



Twenty University of the Third Age (U3A) students got the chance in October to enjoy a study break in Porto, Portugal. The University organized a 10-day course with contacts made in 2019, when a successful one-week English language course for U3A pensioners from Porto happened at the U3A in Porto, giving them the opportunity to return the favour.

Our hosts from Universidade do Porto did a fantastic job, arranging a programme which will be remembered for a long time. Featuring a combination of trips out and educational topics, lessons were not in the morning or night time, as the programme and history of Porto, followed by some exploring in the afternoon. Portuguese pensioners also participated in English lessons, where the conversations were dominated by international matters. All the U3A participants from the group of capital of learning in English, and many of them ended up feeling more confident about their abilities to converse, highlighting the importance of learning English courses.

“Our Portuguese counterparts had a fantastic surprise in store for us, too, namely a visit to the Interdisciplinary Centre for Marine and Environmental Research (CIIMAR), including a guided tour with an expert,” said Jana Semotamová, the organizer of the exchange. “They also took us on a tour of the beautiful historic building of the Rector’s Office, which contrasted the university’s modernity with its exhibits on display. Everyone was unbelievably friendly, and this made it even more special!”

Porto was named the best European destination in 2017. A beautiful, picturesque city, part of it was declared a UNESCO World Heritage Site in 1996. It even lends its name to a world famous drink – port (port wine). “Obviously, we couldn’t think about leaving without first visiting a port winery or sampling Portuguese cuisine,” she added. “Unforgettable experiences, new friendships and the motivation to keep on learning and learn English – these were the aims we set out with and ultimately achieved. It afforded senior citizens attending U3A courses at the U3A the opportunity to spend time abroad studying,” concluded Jana Semotamová, a co-organizer of the event.

topus-paired with a glass of port wine and topped off with Portugal's famous custard tart, *pastel de nata*. A true delight!

The last day was "free," allowing some participants to take trips to Braga, Aveiro, or one of Europe's longest suspension bridges in a geopark. Others used the time to shop for souvenirs and say farewell to the city that stole our hearts and that we will deeply miss.

Strong emotions, new friendships, and motivation for even more intensive English studies. Our dream—to provide an opportunity for seniors studying at UTB's University of the Third Age to experience education abroad, even if just for a week—has come true.

Joana Lencart Docente

20 anos de PEUS é verdadeiramente extraordinário. É muito significativo e é, sem dúvida, sinal de uma aposta ganha. Numa sociedade que promove cada vez mais o envolvimento da comunidade sénior em múltiplas atividades sociais e culturais, este programa é, por excelência, um exemplo de que é possível manter a aprendizagem ao longo da vida.

A Faculdade de Letras da Universidade do Porto assumiu-se, há 20 anos, como instituição académica pioneira na promoção do envolvimento da população sénior em atividades de enriquecimento do conhecimento, contribuindo para um envelhecimento saudável, ativo e bem-sucedido.

Conheço o programa PEUS há vários anos através de familiares e amigos. A oferta formativa na FLUP tem sido muito ampla, procurando abranger um amplo leque de temáticas, desde a História e Arte, às Línguas, Literatura e Comunicação Escrita, Ciências da Saúde e Bem-Estar e aos Estudos Portuenses.

Este ano, pela primeira vez, fui convidada a colaborar no PEUS, no âmbito dos Estudos Portuenses. Foi um convite que muito me honrou e que não poderia recusar. Neste sentido, propus a unidade “A escrita no mundo urbano: o Porto medieval e moderno”. O objetivo é dar a conhecer o contexto histórico e a evolução diacrónica do espaço urbano do Porto através de múltiplas perspetivas, nomeadamente a administração concelhia da urbe; as relações com a administração central; a administração episcopal; as instituições religioso-caritativas; as relações comerciais dentro da cidade e com o exterior, entre outros. A tónica é colocada no mundo da escrita e nos conceitos a ele subjacentes: *scriptoria*, documento, organização da memória, arquivo, cartório, biblioteca e inventário, materiais de escrita, entre muitos outros. Os participantes terão oportunidade de ensaiar a leitura de documentação medieval e moderna e aprender as normas de transcrição documental. O programa prevê ainda algumas visitas de estudo, destacando-se uma deslocação ao arquivo municipal da cidade, na Casa do Infante, onde podem ser admiradas joias do património concelhio portuense.

Espero que seja uma oportunidade para conhecer a história da cidade do Porto através de uma nova perspetiva.

João Baptista Aluno

Quando me falaram do PEUS, corria então o ano de 2011.

Eu tinha deixado de trabalhar em janeiro e durante o verão desse ano tudo correu em grande, sol, praia, bicicleta, uma liberdade que nunca tinha tido, um verdadeiro luxo.

Mas pensei, logo que chegue o inverno não será assim e terei de saber encontrar uma ocupação que me motive e me entusiasme como aconteceu com o trabalho que desenvolvi ao longo de mais de 40 anos.

Consultei o site da FLUP e decidi inscrever-me no primeiro semestre. E para começar, duas disciplinas às terças e quintas.

A minha expectativa era grande, pois sendo eu um homem da área das ciências, ia agora fazer uma incursão pelas letras.

Não podia ter corrido melhor: História Medieval, com o Prof. Luís Amaral, Geografia do Porto, com o Prof. Jorge Ricardo Pinto, e uma turma de 30 colegas.

Foi o voltar à Faculdade de novo e em grande estilo.

Percebi, de imediato, a qualidade dos professores e a empatia com os colegas.

Daí em diante foi um desfiar de emoções, um prazer renovado em cada ano para escolher as disciplinas e o prazer e o desejo de chegar a outubro para iniciar um novo ano escolar e continuar a alargar os meus conhecimentos em áreas nunca dantes navegadas.

Assim foi de uma forma contínua durante mais de 10 anos, tendo frequentado mais de 40 disciplinas. De realçar que, ao longo deste tempo, tive o privilégio de integrar uma equipa que organizou diversas visitas de estudo, de muito boa memória para todos aqueles que puderam desfrutar.

Entretanto o tempo foi passando e a possibilidade de escolha de matérias novas foi escasseando, pois, “quem andou não tem para andar”, mas cá me mantenho a frequentar disciplinas que se renovam e que me permitem continuar a desfrutar deste programa que em boa hora, lá para os idos de 2006, foi criado pela Prof. Graça Pinto.

Ao longo de todos estes anos, fui um mensageiro do PEUS e

contribuí para que diversos amigos se inscrevessem e pudessem beneficiar deste programa.

O passa-a-palavra entre os colegas, amigos e familiares, tem sido muito importante para que a frequência seja suficiente e o programa se mantenha.

Uma palavra muito especial de agradecimento a todos os professores que se disponibilizam anualmente para leccionar no PEUS e que têm sido o garante da grande qualidade das aulas a que temos assistido. Muito obrigado a todos por fazerem parte das nossas vidas e permitirem que nos sintamos sempre estudantes. Assim envelhecemos mais devagar.

Joaquim Bento Correia Pinto Aluno

Frequento o PEUS desde a sua criação, portanto há cerca de 20 anos. Pelo tempo decorrido, é simultaneamente fácil e difícil de responder se colocarmos o título desta crónica em forma de pergunta. É fácil, quando inicio a frequência, porque tendo entrado na fase de interrupção da atividade laboral o que mais surgiu no meu espírito foi a pergunta: e agora como ocupar esta folga na minha atividade que, de certa forma, me preenchia mais o espírito do que propriamente o tempo? O que é que poderei fazer sem ter aquela preocupação de todos os dias me levantar a horas certas e executar as tarefas que, por inerência, estavam à minha responsabilidade e aprender coisas novas para as quais não tive oportunidade no tempo passado?

Comecei a pesquisar via Internet, quando me deparei com a informação de que a **Universidade do Porto** iria avançar com um “Programa de Estudos Universitários para Seniores Licenciados com mais de 55 anos”. Saliento **Universidade** porque englobava todas as Faculdades.

Inscribi-me logo no primeiro ano de funcionamento do PEUS. E porque é que me inscribi? Inscribi-me porque o Programa apresentado relativamente às disciplinas era aliciante, uma vez que versava sobre matérias com as quais tinha menos afinidades; a sua durabilidade previa a duração de 3 anos com a possibilidade, para quem quisesse, de elaborar uma monografia sobre um tema à escolha do aluno ou sugerida pelo professor orientador.

Como a minha expectativa não foi defraudada, bem como a dos meus colegas que comigo iniciaram este percurso, acabados os 3 anos solicitámos à criadora do PEUS, a Professora Doutora Graça Pinto, que abrisse o leque de possibilidades de novas disciplinas para que nós nos mantivéssemos ligados à Universidade. Daqui surge uma parte da resposta ao título desta página:

A coordenação e a ligação muito estreita e com muita afetividade que a criadora do PEUS mantém com os alunos; a variedade e interesse das disciplinas lecionadas; a elevada qualidade da larga maioria dos professores afetos ao PEUS; os laços de amizade e

convívio que criámos com colegas com habilitações e percursos de vida diversos; o intercâmbio realizado com Universidades Seniores do espaço europeu, em especial com as Universidades Espanholas, que foram sempre enriquecedoras, quer nos aspetos culturais, quer nos sociais; as diversas visitas de estudo. Todos estes ingredientes fizeram com que me sentisse umbilicalmente ligado ao Programa.

E agora surge a altura de dar a resposta à questão: porque é simultaneamente difícil responder “Ao que Faço Hoje Aqui no PEUS?”

Como digo atrás, são já quase 20 anos de PEUS. Em 20 anos satisfazer a vontade de cada um com disciplinas que os motive, é capaz de não ser obra fácil, e não ponho em dúvida que todos os esforços estarão a ser feitos para que tal aconteça. Todavia, na minha perspetiva, há já muitos anos a esta parte que tem faltado a variedade de disciplinas que foi colocada à nossa disposição nos primeiros anos de PEUS (apesar da velocidade da evolução em todas as áreas do conhecimento).

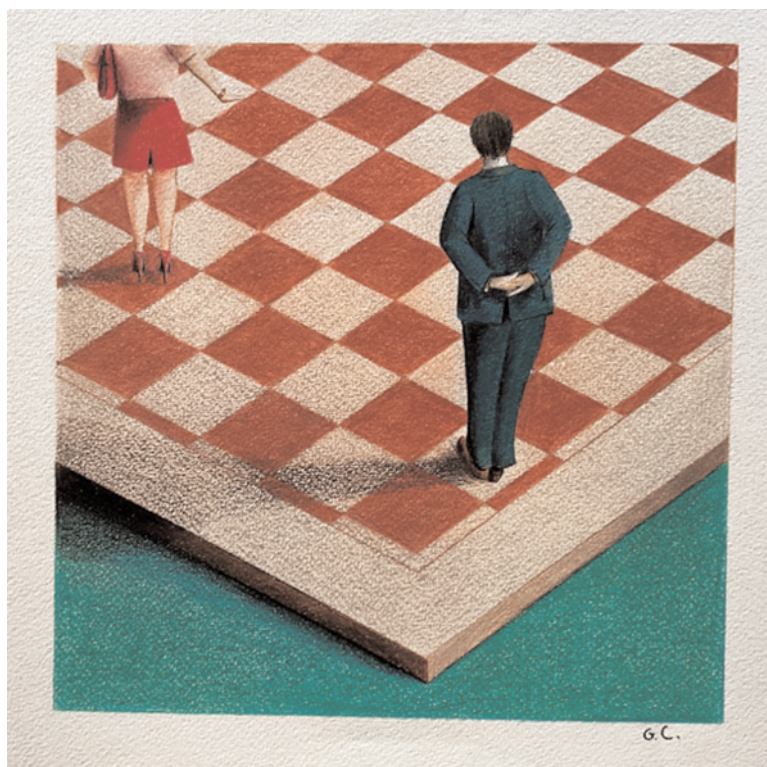
Penso que tem de existir um leque de matérias que vão desde as humanidades (que têm sido muito esquecidas no ensino regular), às ciências (das técnicas às sociais), às novas tecnologias e perspetivas de evolução futura destas tecnologias, nomeadamente a inteligência artificial. Temos uns anitos, mas também temos muita curiosidade e motivação para incorporarmos novos conhecimentos. Gostamos de estar ao corrente do que se passa à nossa volta, apesar da nossa idade.

Já há vários anos que o enfoque do PEUS tem recaído essencialmente sobre disciplinas lecionadas na Faculdade de Letras. Se no início esse enfoque foi para mim importante, continuar nesse caminho sem dar relevância a outras áreas do conhecimento como indico atrás, no meu ponto de vista, torna-se bastante redutor. Não gostaria de frequentar o PEUS por uma questão de quase inércia e pela relação que estabeleci com os(as) colegas (que é muito importante). Gostaria de o fazer também porque há outras disciplinas com interesse e de cujo conhecimento não devemos ficar totalmente ignorantes.

A Professora Doutora Graça Pinto tudo tem feito para que professores das várias áreas do conhecimento acedam a lecionar no PEUS, o que, pelos vistos, não tem sido totalmente bem-sucedido. Não terá chegado o tempo de o Reitor da Universidade se interessar por este Programa? No passado houve Reitores que fizeram

proclamações de intenção de apoiar o PEUS, considerando que o mesmo honrava a Universidade e era uma formação contínua que se traduziria num dar e receber conhecimento. Faziam questão de estar presentes e emprestar solenidade ao ato de abertura de cada ano PEUS. No meu entendimento, seria útil fazer mais qualquer coisa para envolver a Reitoria e fazer-lhe sentir a utilidade do Programa, tornando-o mais universalista no que às disciplinas diz respeito. Se ainda é atrativo para muitos, torná-lo-ia atrativo para muitos mais.

Joaquim Castro Freitas Aluno



1ª edição, março de 2005

Ilustração de Guilherme de Castro

Título: Morrer de Véspera ou arriscar um Beijo

Jonathan Lewis Docente

Nem acredito que já passaram 20 anos desde que o PEUS começou. Estes anos passaram tão depressa ... eu próprio acumulei vários cabelos brancos.

Durante este turbilhão de tempo, vi surgirem e desaparecerem muitos alunos deixando marcas firmes na minha memória. Posso dizer honestamente que as aulas do PEUS sempre me deram muito prazer e realização profissional e pessoal.

Como professor, sempre fui abençoado com turmas de alunos veteranos entusiasmados que adoram vir à faculdade e participar nas aulas. Este entusiasmo é contagiante e sempre me inspirou a criar aulas dinâmicas que tenho gostado muito de lecionar.

As nossas aulas de inglês permitiram-nos explorar muitos temas diferentes ao longo dos anos, da arte à ciência e da literatura à história, usando-os como contextos para praticar o inglês.

O foco sempre foi desenvolver a confiança dos alunos em falar inglês para que possam comunicar e não se preocuparem com os erros que possam cometer. Mas também usamos sempre as aulas para praticar as competências de leitura e audição, permitindo aos alunos ouvir diferentes variedades do inglês falado.

As experiências de vida dos alunos também desempenharam um papel importante nas aulas, pois partilharam histórias sobre as suas vidas enquanto pais, avós, médicos, professores, advogados, gestores e viajantes para muitas terras diferentes, sempre com uma história pessoal para contar.

Talvez os momentos mais memoráveis de todos sejam as excursões anuais que fazemos no final de cada ano, sempre com o intuito de visitar um local de interesse na cidade do Porto que tenha alguma ligação com a cultura britânica.

Ao longo dos anos, visitámos a English Factory House, a Igreja Anglicana de St. James, o British Club, a Casa Infante, a Casa Andresen e o Jardim Botânico, entre muitos outros. Estes eventos culminaram sempre num almoço a celebrar a conclusão bem-sucedida de mais um ano e a desfrutar da companhia uns dos outros numa atmosfera de amizade e admiração mútua.

Gostaria de agradecer a todos os alunos que ensinei no PEUS ao longo dos anos por me ajudarem a tornar o meu trabalho tão variado e agradável como tem sido.

Vida longa ao PEUS.

Vocês são os melhores alunos que tenho o privilégio de ensinar!

Jorge Alexandre Ribeiro de Oliveira Aluno

O que faço eu no meio do PEUS

E aqui estou EU.
No PEUS.

Porque vieste para o PEUS?

Porque, antes de me reformar em janeiro/2022, apesar das muitas horas e esgotantes exigências da atividade bancária, efervescia a vontade de me inscrever no Curso de História ou no Curso de História de Arte da Faculdade de Letras da UP. Contudo, logo que me reformei, em alternativa àquelas licenciaturas, o PEUS disponibilizou-me uma descontraída e interessante variedade de temas, perspectivando-se, assim, a possibilidade de alimentar o meu fascínio pelo conhecimento diverso, de refletir perante novos saberes e de formar novos questionamentos, sempre assente na curiosidade e numa satisfação intelectual.

O que fazes no (meio) do PEUS?

Respiro uma atmosfera de descontração. Aqui, absorvo diferentes energias e frescas visões em busca da compreensão do presente e do futuro através do saber da História.

E como se tem concretizado esse aprofundar do conhecimento?

De forma excelente. Fui recebido em 2022 pela Dra Raquel Patriarca com a *História do Livro e das Bibliotecas* – não havia melhor maneira de ser recebido e de recomeçar uma nova vida de conhecimento académico, depois da licenciatura em Economia pela FEP. Com a *História de Arte* em 2023 e 2024, a Dra Diana Felícia explodiu-me o entusiasmo pelos segredos da arquitetura, da escultura e da pintura. Por último, a Dra Clara Barros, inebriou-me e prendeu-me definitivamente à *História da Língua Portuguesa*, com a sua exposição aberta e profunda. E, por tudo isto, o meu obrigado muito es-

pecial pela disponibilidade e dedicação com que partilharam o seu conhecimento, que demorou muitos anos a ser adquirido, por vezes com sacrifícios vários. E um obrigado ao PEUS, por partilhar estes importantes ativos representantes do saber, por disponibilizar colaboradores atenciosos para esclarecer e solucionar questões administrativas e permitir, num espaço descontraído, a criação de novas e diferentes amizades.

Que perspetivas tens para o teu futuro no PEUS?

Continuar a não ter tempo para o sofá. A expansão dos domínios do saber, com novas reflexões, novas leituras, com as colunas de livros a não pararem de aumentar, deixa antever a continuidade de um rejuvenescimento cognitivo, de uma enriquecedora e muito gratificante partilha de visões, assente num espírito aberto e tolerante, que só o conhecimento diverso e profundo possibilita. Quem sabe, e assim desejo, se não teremos proximamente “*A História da Literatura Portuguesa e Estrangeira*” para nos deliciar em novas andanças e cantares de amigo? Por mim,

CÁ CONTINUAREI, NO MEIO DO PEUS.

Jorge Deserto Docente

À entrada, com um pé dentro

Quando a Professora Graça Pinto me colocou a hipótese de escrever um pequeno texto para os 20 anos do PEUS, pensei que haveria um equívoco: no fundo, a minha colaboração com o PEUS estava agora mesmo a começar, neste exato segundo semestre de 2024/2025, e, por isso, a minha relação com este Programa fora, até aqui, apenas a do observador interessado e algo distante. É certo que perfeitamente consciente da importância deste movimento de expansão em direção a um outro público e do seu valioso contributo para que a universidade não seja apenas um lugar de formação e possa ser igualmente uma fonte de (re)circulação de saberes, um lugar onde magicamente experiência e curiosidade se (re)encontram. Tenho a certeza de que, de muitas maneiras, diversas e criativas, isso tem acontecido ao longo destes vinte anos, em que o PEUS já foi certamente capaz de se testar, de se pôr à prova de todas as formas possíveis, tendo chegado a este belo momento, já adulto, já inteiro, depois de ter suportado todas as dores de crescimento e todos os testes de *stress* a que o mundo, sempre ardiloso, sujeita quem se está a desenvolver. Do PEUS e da sua solidez, nada a dizer: é um monumento, está firme à vista de todos, está para durar.

Agora eu. Como disse, cheguei agora. Estou à entrada da porta, a olhar para dentro, a habituar-me ao espaço, à luz, às vozes, à dinâmica do lugar. Já tenho um pé mais dentro do que fora, mas o corpo ainda ganha balanço, incerto, que isto não é lugar para entradas a pés juntos.

No momento em que escrevo, tardio, já queimados os prazos e posta à prova a paciência, não necessariamente infinita, da Professora Graça Pinto, levo, somadas, três sessões, quase quatro, de *Mitologia Grega*, coisa que pode resumir-se, num sumário imperfeito, como um conjunto de histórias de gente mal comportada, deuses e heróis que viveram em tempos muito antigos e que ainda hoje nos assombram com os seus enredos infindáveis e em constante recriação. Nesta experiência ainda curta, ainda a descobrir ca-

minho, dei já conta do interesse e generosidade de uma plateia, infinitamente paciente diante de um professor que às vezes divaga e mete por atalhos, curiosa e atenta, pronta a colocar questões pertinentes e a introduzir referências apropriadas. É, sem dúvida, um momento estimulante e feliz.

Ainda mais fora do que dentro, ainda à procura do tom certo, já percebi que gosto deste lugar. Vou entrar, pousar a bagagem, instalar-me. Estou em casa.

Jorge Ricardo Pinto Docente

A docência nem sempre é recompensadora. Com frequência, o professor encontra turmas desmotivadas, alunos perdidos numa teia de desinteresse pela vida, pelo mundo e pelo que os rodeia. Tantas vezes, o docente reinventa estratégias e transforma o discurso para captar atenções ou «chamar a terreiro» o aluno. E, em tantas outras ocasiões, o processo falha, a atenção perde-se e o receptor regressa (ou nunca de lá saiu!) a um patamar de indiferença, perdido num outro mundo, distante da aula e da partilha do conhecimento.

Nunca foi assim no Programa de Estudos Universitários para Seniores da Universidade do Porto, onde tenho o privilégio de participar desde 2007, com apenas o interregno de um ano letivo. Aí, tenho encontrado a alegria da docência, o verdadeiro prazer da partilha. Nesse ambiente, reencontrei-me com aquilo que, desde menino, via como a minha vocação e com tudo o que almejei para o meu futuro, quando, ainda catraio, acompanhava o trabalho da minha mãe enquanto professora do ensino secundário. Dar e receber. Partilhar e conhecer. Comunicar. Comunicar num sentido completo.

Desde pequeno, sonhei ser professor por causa da minha mãe, que ensinava português e inglês. A minha trajetória académica foi atribulada, marcada por ziguezagues que me conduziram a um destino que, de certa forma, sempre ambicionei. Não fui professor por acaso, na medida em que alguém pode realmente conduzir o seu próprio destino. Mas, ao longo dos anos, compreendi outras formas de me regozijar com a minha profissão, para além de simplesmente cumprir um sonho de infância. No PEUS, aprendi dimensões da vida de docente que estavam para lá da minha imaginação, descobrindo novas camadas de satisfação e realização profissional.

No PEUS, ao longo dos anos, tenho-me sentido desafiado de uma forma que raramente acontece noutras esferas do ensino. A atenção e o interesse dos estudantes não só me obrigaram a ser melhor como docente, mas também a aprofundar cada tema, a procu-

rar novas perspectivas, a reencontrar em mim mesmo a curiosidade infinita pelo conhecimento. Ao preparar cada aula, senti-me impelido a explorar mais, a procurar novas fontes, a reler autores e a descobrir informações que, tantas vezes, se revelaram surpreendentes. E essa jornada de estudo, alimentada pela responsabilidade de ensinar a um público tão atento e exigente, devolveu-me um sentido de realização profissional que ultrapassa qualquer descrição. O prazer do conhecimento, esse gosto indefinível que nos preenche e engrandece, tem sido um dos mais belos presentes que recebi destes anos de docência no PEUS.

Os estudantes que aqui encontro ouvem o que digo com uma cumplicidade que me emociona. Sinto, a cada aula, que caminhamos juntos na mesma direção, num diálogo fluido e enriquecedor. Aprendo com eles. Divirto-me. A cada sessão, acrescento tanto ao pouco que sei, porque cada intervenção, cada pergunta, cada partilha de experiência e conhecimento amplia o horizonte do que julgava conhecer. Há uma troca genuína e profunda, uma construção coletiva de saber que é, no fundo, a essência mais pura do ensino e da aprendizagem.

O primeiro desafio a que nos propusemos foi o de conhecer melhor o Porto, a “minha” cidade, no tanto que uma cidade possa ser nossa e de todos ao mesmo tempo. Queremos compreender a sua geografia, a forma como, a partir de um pequeno núcleo, se foi construindo uma metrópole ao longo do tempo e, nesse mesmo tempo, se foi definindo e reedificando permanentemente a(s) sua(s) identidade(s), modelando uma sociedade complexa e heterogénea. Rumo a este objetivo, o caminho fez-se em conversa, em diálogo frutuoso, feito de adendas permanentes e debates constantes, erigido sempre pelas diferentes sensibilidades e formações de quem participa, acrescentando permanentemente ideias novas e perspectivas reveladoras.

Não raras vezes, aprendemos todos uns com os outros a partir de um mapa, de uma gravura, de uma fotografia antiga, que são, no fundo, motes para conversas e histórias em novelo de um Porto sempre por descobrir. Dali partiram risos e reflexões, mas também substância escrita, que até já permitiu a organização de um colóquio, comunicações em congressos científicos ou trabalhos académicos de valor inquestionável para o conhecimento aprofundado do Porto, essa cidade que nos une.

Até há dez anos, o meu trabalho no PEUS estava centrado ex-

clusivamente no Porto. No entanto, com a criação da unidade curricular de Geografia Urbana Histórica, ampliámos horizontes. A procura foi tão grande e o interesse tão intenso que as aulas se prolongavam, ano após ano, sem que conseguíssemos concluir o programa. Assim, decidiu-se dividi-lo em duas partes, criando as disciplinas de Geografia Urbana Histórica 1 e Geografia Urbana Histórica 2.

Com essa evolução, partimos do Porto para o mundo, explorando Londres, Paris, Nova Iorque, Chicago e tantas outras cidades por esse planeta fora. Sem sair da sala de aula, viajamos através da pintura, de gravuras antigas, de fotografias e, sobretudo, da cartografia, que nos permite reconstruir e compreender a evolução urbana ao longo dos séculos. Nas aulas, recorreremos a mais de 600 imagens produzidas ao longo da história da Humanidade! Essa abordagem abriu portas para debates ainda mais ricos e para uma compreensão mais ampla dos fenómenos urbanos, sempre guiados pelo entusiasmo e pela curiosidade dos nossos estudantes.

Há, nos estudantes do PEUS, uma generosidade rara, uma sabedoria que não vem apenas dos livros, mas da experiência vivida, da forma de estar, da vontade incessante de aprender e partilhar. É uma sabedoria que se manifesta no respeito pelo outro, na curiosidade que não esmorece, na capacidade de transformar o que se aprende em conhecimento prático e relevante.

Pelas ruas do Porto passeamos muitas vezes, em encontros debaixo de sol e, por vezes, de chuva, mas sempre à procura de recantos por descobrir e de percursos onde cada um oferece o que tem para dar.

No Programa de Estudos Universitários para Seniores da Universidade do Porto, reencontrei as duas fórmulas mágicas para o conhecimento: a paixão e a generosidade.

Obrigado a todos aqueles que têm partilhado comigo esta viagem.

Tem sido um privilégio.

José Alberto Rio Fernandes Docente

Aprendi há muito que todas as iniciativas são coletivas, mas que para a sua concretização e persistência é essencial a existência de um líder, cujas qualidades se refletem na da iniciativa. Assim é com o PEUS, o Programa de Estudos Universitários para Seniores, lançado desde a Faculdade de Letras, por vontade da Universidade do Porto, mas cuja ideia é da minha ilustre e muito simpática colega Graça Pinto que o continua a acompanhar cuidadosamente.

E eu, o que faço eu no meio do PEUS? Nada! Já fiz. E, ainda estou disposto a fazer alguma coisa no futuro. Logo se vê o quê. Talvez nada.

Sou da fundação. Fui convidado para assegurar uma unidade curricular logo na primeira edição do curso. Acedi. Afinal, havia que acarinhar um projeto valioso para quem deseja aprender – e como eu gosto de quem gosta de aprender! –, garantir um espaço para a Geografia – e eu sempre defendi a Geografia (dois mandatos como Presidente da Associação Portuguesa de Geógrafos demonstram-no suficientemente) e encarar um desafio novo: três boas razões para responder favoravelmente, a que se juntava – o que não era pouco importante – a simpatia da convidadora.

Foi um prazer ser professor. É sempre, devo confessar. Porque sou dos que têm a felicidade de gostar do que faz. Na sala, ou na rua, como estivemos nos Estudos Universitários para Seniores, em percursos a pé no Centro Histórico. Impressionei-me com o conhecimento de muitos dos estudantes. Com as conversas na sala de aula e o prazer de percorrer a cidade.

Creio que fui docente apenas dois anos. Tenho muitas solicitações... Mas só deixei o PEUS, porque pude garantir que os estudantes ficavam melhor servidos, com um colega de excelência e ótimo professor, o Jorge Ricardo Pinto, um apaixonado pela Geografia Urbana Histórica e pela Cidade do Porto. Por ele foi continuado o prazer da docência e continuei a acompanhar o PEUS. E a sentir que, de alguma forma, ainda “fazia parte”.

Com surpresa – e honrando-me – fui convidado a proferir duas conferências, o que fiz com grande prazer, revendo alguns alu-

nos em sala, alguns dos quais ia vendo também antes ou depois das aulas, no bar do piso 2 da Faculdade de Letras.

Para o futuro? Os meus votos é que haja novos estudantes. E repetentes. Que todos sigam – sigamos! – com vontade de aprender e que o PEUS celebre muitos anos de vida!

José Luís Lago da Costa Aluno

Qualquer processo científico necessita de uma pergunta e a busca da resposta leva-nos à obtenção de conclusões.

Para quem, todas as semanas de duração dos estudos, se desloca duzentos quilómetros, só pode fazer uma coisa, divertir-se.

Pode parecer estranho alguém nesta fase da vida inscrever-se numa faculdade só por pura diversão.

Por outro lado, só mesmo a diversão justifica a inscrição no PEUS.

O prazer de adquirir novos conhecimentos, a consolidação dos já adquiridos, conhecer pessoas novas, com vivências diferentes, as trocas de opiniões com colegas e professores, o percurso até à faculdade e o regresso na companhia dos colegas são sempre momentos de diversão.

São pura diversão os momentos passados nas aulas. São como uma ida ao ginásio. O exercitar a nossa atenção, a introspeção, o esclarecimento de dúvidas, o verificar que ainda existe muito por conhecer.

Tudo isto é pura diversão.

José Manuel de Castro Oliveira Aluno

Após uma carreira dedicada ao setor bancário, encontrei-me a abraçar a serenidade da reforma com uma mistura de alívio e incerteza. Sempre fui um homem de hábitos tranquilos e introvertidos, encontrando conforto e fascínio nos detalhes silenciosos das árvores genealógicas que meticulosamente construí para familiares e amigos. Esta atividade, embora gratificante, era eminentemente solitária, e os meus dias eram frequentemente passados isolado no meu escritório, com apenas a companhia dos meus arquivos e da vasta teia da internet que facilitava a minha pesquisa.

Tudo mudou quando, em conversa com um amigo, soube da existência do PEUS, que ele já frequentava. A relutância inicial deu lugar a uma decisão que viria a ser uma verdadeira lufada de ar fresco na minha vida.

A minha integração no programa revelou-se uma surpresa maravilhosamente positiva. Rapidamente, descobri que o convívio com colegas e a interação com professores enriqueciam cada dia, trazendo uma nova energia que há muito não sentia. As aulas, as visitas de estudo, e a troca de conhecimentos, eram um contraste vibrante com a quietude da minha atividade genealógica e com a paz morna dos meus dias em casa. Cada sessão era uma oportunidade de aprender algo novo, de ver o mundo através de diferentes perspetivas e, o mais importante, de partilhar.

Este programa não só me permitiu expandir os meus horizontes académicos, mas também me ajudou a desenvolver habilidades sociais que haviam sido pouco exercitadas ao longo dos anos em que a comunicação não era o meu forte. Encontrar outros que compartilhavam dos meus interesses, ou que simplesmente apreciavam a companhia para aprender juntos, transformou os meus dias em momentos de antecipação e prazer.

O impacto deste programa na minha vida foi profundamente positivo. Trouxe um novo brilho às minhas semanas, reacendendo uma paixão pela aprendizagem e pela vida comunitária que pensei ter deixado para trás. A experiência reforçou a importância de per-

manecer ativo e envolvido, independentemente da fase da vida em que nos encontramos.

Ao refletir sobre o meu percurso neste programa, sinto uma profunda gratidão por ter dado aquele passo inicial, apesar das hesitações. Aos meus colegas e professores, devo um imenso obrigado por me receberem de braços abertos e por tornarem cada momento juntos uma experiência valiosa. Este capítulo da minha vida, repleto de novas amizades e conhecimento, é um testemunho do poder transformador da educação e da comunidade, em qualquer idade.

José Manuel Soares Aluno

A ignorância é a mãe do atrevimento. Mas o reconhecimento da ignorância é uma ignorância instruída
(*alguém o terá dito*).

A escolha deste tema veio inquietar-me, confesso. Há muito que afastara a ideia de escrever algo relacionado com o Peus, invadido que estava já por uma camada de inércia, ou lassitude, mesmo. Ando por aqui há muito tempo. Falar do início do Peus é penetrar no “tempo profundo”. Considero-me, quase, um “dinossauro”. Fácil é, pois, entender que a memória – a minha – em certos momentos, se recuse a colaborar. Por vezes, tenho que a “empurrar para dentro do crânio”. Neste caso, para escrever estas linhas, necessitei de escavar bem fundo, ir até ao “permafrost” onde se encontrava soterrada!

Pertenço ao grupo de sobreviventes do primeiro ano do Peus. É uma pequena vida. Pasmem-se: quase um QUARTO dela! Pensando bem, sinto-me como se tivesse sido capturado pelo Peus. Sempre que aqui entro, deixo lá fora os problemas, doenças e demais inquietações. É o seu sortilégio. Gosto de pensar que por aqui andarei “ad aeternum”! Ainda que correndo o risco de ser tomado por um “alienígena”. Quanto mais me adentro pelos anos que passaram mais me surgem os rostos dos colegas que me acompanharam nesta aventura. Alguns já muito (ou de todo) esvaecidos. Reconheço. Eramos cerca de trinta e seis naquela única sala dos Estudos Portuenses. Cinco. Cinco serão ainda, ou somente, os estoicos resistentes de 2006!

Desde aquele longínquo ano, vagas sucessivas foram entrando. Os “caloiros” são sempre bem-vindos. São a garantia da continuidade. Para muitos entra-se, mas não se sai. De facto, não há registo de existir, noutra universidade portuguesa, curso tão longo! Tem princípio, mas não tem fim. A diversidade de disciplinas foi tal que, alguns – nos quais me incluo, claro – são já distintos polímatas. E continuamos a persistir. Fiéis ao aforismo: “o saber não ocupa lugar”. Será? A convivência e camaradagem que se estabelecem

é o cimento agregador, que gera amizades e mesmo solidariedades bem tocantes. As salas de aula, os sofás do bar, os convívios, as viagens e intercâmbios serão, em boa medida, os responsáveis por este ambiente “sui generis”. Apetece perguntar como é que uma população tão heterogênea, com experiências profissionais diversas, cursos académicos variados, idades nem sempre próximas, foi capaz de construir tal ambiente. A merecer um “estudo de caso”. Digo eu “Ex Cathedra”! Existe uma classe de agentes que não podemos esquecer. Os Professores. E foram inúmeros os que nos “passaram pelas mãos”. Alguns ficaram indelevelmente ligados ao percurso dos alunos e contribuíram muito para o êxito do “curso”. (Há sempre neste campo preferências, como se sabe, fruto de idiossincrasias as mais variadas...). E, já que estou em maré de apreciações, é de justiça referir, de passagem, as “inventivas” dos próprios alunos. Organizando encontros, passeios e almoços (que não podiam faltar). Enriqueceram, e muito, estes Estudos.

Vou, agora, a subir as escadas. Hoje a aula é no segundo andar. Recuso o elevador (não sou nenhum velho – pensamento questionável). Ah! já não tenho as pernas que tinha. Que lhe aconteceram? Penso, ofegante. O corredor está pejado de gente. Visto daqui parece um “cafarnaum” – exagero meu. Passam jovens falando alto e gesticulando. Outros aguardam às portas com os inevitáveis “smartphones”. Outros, ainda, para quem “o chão é o limite”, aguardam também. Hesitante, decido-me a avançar. Súbita vontade de migrar para este universo de juventude leva-me a caminhar, ziguezagueando, com decidida energia e alguma empáfia. Efeito de inesperada “alchymia”? Gosto de pensar que faço parte desta interação geracional. Este corredor semelha-se a uma pequena Babel: inglês, espanhol, português...o que me trouxe à memória o *mandarim*. Eramos poucos nessa aventura. E fomos, até, motivo de curiosidade “zoológica”. A simpática professora bem se esforçou. Mas a matéria-prima não ajudava. “Ni Hao” ficou para recordação! Entro na sala, já lá está a jovem professora. “Podia ser minha filha” penso. Nas aulas não se sente mais aquele “formigamento”, o receio de ser chamado “à pedra”. (Já ninguém nos dá Créditos!) Não esqueço, não posso, aquela disciplina em que a dinâmica professora (lembra-se?) nos incentivou (obrigou!?) a escrever um poema. Andei dias, qual nefelibata, a tentar. Por fim, saiu um arremedo!]. Que me seja relevada esta prosa “intimista”. Desta feita, cheguei mesmo a pensar escrever um poema. Mas que se esperaria de um “poetas-

tro”? Convívio (combater a solidão) e obter mais conhecimentos são as duas respostas mais óbvias à questão: “Que faço eu no Meio do Peus?”. Nunca se sabe tudo, e o Peus está a todo o momento a lembrar-nos o quanto ignorante somos. “Só sei que nada sei” terá dito Sócrates. Terá ou não, é uma verdade intemporal. À medida que escrevia este excurso, dei comigo a cogitar em que sentido se teria empregado, aqui, a palavra “Meio”. E levantou-se-me esta dúvida: Será que foi com o significado de “metade” – numeral? Se sim, então, posso ter, ainda, cerca de dezanove anos (!) pela frente. O que me deixa muito confortável. Entrarei no Guinness! Nada mau. (Escapou-se-me esta espécie de litote, aliás, estamos sempre a empregá-los). Sonhar ajuda a viver. Sonhemos pois! Vejo-me a andar por aqui mais alguns anos. Todavia o futuro é arcano, como são todos os futuros. Aliás, o meu apresenta já um horizonte perturbador, com nuvens bem sombrias. Que se avolumam. Conto com o Peus para me ajudar a dissipá-las. Mas as recentes ofertas pedagógicas preocupam-me. Têm vindo a estreitar-se, sobretudo para os alunos “mais repetentes”. Não obstante o esforço, reconheça-se, da Professora-Coordenadora. As opções têm-se revelado mais difíceis. Lembro que há anos tivemos uma diversificação bem entusiasmante. Várias foram as Faculdades representadas na oferta: Medicina, Direito, Engenharia, para focar algumas. Julgo saber, no entanto, que, em tempos, várias tentativas feitas pela Coordenação não mereceram o favor dos alunos. Como quer que seja, é tema que interessa a alguns (muitos/poucos?). Bem sei que os alunos mais antigos, já com alguns lustros passados nesta Casa, tendem a ser mais difíceis de contentar. Subjaz a esta “exigência” uma vontade continuada de “melhoramento intelectual”. Não nos deixamos ananizar. Consideramos a expressão “a velhice é um símbolo de sabedoria” como um ponto de partida, nunca de chegada. Investimos no saber, não em férias sibaríticas. Esforçamo-nos por agarrar o futuro, cada vez mais fugidio, é certo. Tarefa inalcançável! Há dias, pesquisando na minha modesta biblioteca, não é que fiz um verdadeiro achado “arqueológico”: um caderninho de crónicas dos alunos, do recuado ano de 2007, organizado pela Professora Olívia Figueiredo. Uma relíquia! Mas eis que, de súbito, pasmo. Não é que já vejo, ali no fundo, a orla desta segunda página. Como foi possível? Interrogo-me. Eu que duvidava se teria fôlego para uma! Estou vaidoso. Já me julgo “um escritor encapsulado no corpo desta ve-

lha carcaça". Obrigó-me a pousar a "pena" com pena, não obstante a concisão que procurei. Longa Vida para o PEUS!

- NOTA: Ao longo desta prosa, algumas coisas tomei de empréstimo, sem o pedir. "Mas as palavras são peregrinas, transportam sentidos de um lado para o outro".

Júlio Manuel Maciel de Lima Aluno

PEUS

Quando me aposentei logo pensei
Que parar é morrer e a vida é bela,
Não vou ficar a olhar pela janela
A ver passar o tempo e a sua lei.

Continuava a ter sede de aprender
E como Alumni não quis descansar.
Porque o saber não ocupa lugar,
O PEUS é um bom lugar para crescer.

Em boa hora o fiz e com deleite
Naveguei em novas áreas do saber
E em círculos mais altos fui aceite.

Conheci novos amigos e vivi
Muitas horas muitos dias de prazer.
Estudei, viajei e aprendi.

Muito obrigado à Sra. Professora Maria da Graça Pinto, criadora e diretora do PEUS, e a todas as professoras e professores que, ao longo destes vinte anos, disponibilizaram o seu tempo e partilharam os seus conhecimentos. Bem hajam.

Manuel Cavadas Aluno

Penso, logo existo

Pensar, refletir, recordar o meu percurso de vida.

Face à evolução tão rápida da sociedade diria que nasci no “período medieval” e percorri vertiginosamente o meu percurso de vida até aos dias de hoje, já no mundo da inteligência artificial (IA).

Nasci no princípio do fim da segunda guerra mundial e vivo atualmente no princípio de uma nova guerra.

Neste meu período de vida assisti a uma evolução fantástica da sociedade, consequência da globalização, que levou o conhecimento a muitos povos que até aqui não tinham qualquer informação.

A evolução das comunicações, a melhoria dos níveis de sobrevivência, que melhoraram os seus recursos locais quer procurando meios de sobrevivência e melhoria das condições de vida através da emigração.

O PEUS ajuda-nos neste percurso de vida, colocando à nossa disposição as ferramentas necessárias para o entender.

Manuel de Oliveira Bastos Aluno

Foi-me pedido um testemunho sobre a vivência neste curso para a comemoração dos 20 anos da sua existência, tal como aconteceu nos 10 anos.

Não sabendo o que escrever, permitam-me que inicie este texto, relembrando, como acabei o outro, aquando do primeiro livro, recitando Leonardo de Vinci:

“O conhecimento torna a alma jovem e diminui a amargura da vida. Colhe, pois, a sabedoria. Armazena suavidade para o amanhã”.

Vinte anos passaram desde o aparecimento deste curso e ainda temos sobreviventes do primeiro ano sendo salutar a sua resistência, pois, à semelhança de uma Nau, não foi fácil marear tanto tempo, sem que tivesse havido tormentas pelo caminho, mas foram ultrapassadas ao longo do percurso, com a colaboração da tripulação, professores e responsáveis do curso.

O aparecimento deste curso na altura, para seniores na Universidade do Porto, veio preencher uma lacuna, até então existente, e em poucos anos passou para um número de alunos, bastante elevado, o que demonstra a sua importância.

De referir que os alunos que frequentaram e frequentam este curso têm uma formação académica acima da média, isto é, a sua exigência, em termos de ensino, é elevada, o que pressupõe, em termos dos responsáveis, uma especial atenção, propondo novas disciplinas ou reformulando outras, de modo a que o curso não entre numa certa banalidade e os alunos continuem a gostar de o frequentar, como tem acontecido.

Sobre este aspeto, seria importante uma maior diversificação no teor das disciplinas, englobando outras matérias de outras Faculdades, como outrora já aconteceu.

Novos rumos para a obtenção do conhecimento deverá ser a preocupação dos responsáveis, aproximando-os mais dos alunos.

Para o efeito, sou de opinião, que deveria haver, como outro-

ra já existiu e com ótima experiência, uma articulação entre os responsáveis do curso e a figura do representante oficial dos alunos, figura esta que poderia ser uma peça basilar na informação a prestar aos novos alunos, pois, penso, no momento atual, alguns sentem-se perdidos, quando entram.

Tirando um ou outro semestre que, por impossibilidade académica não me inscrevi, faço parte do PEUS desde 2010 e reconheço que me faz falta quando lá não estou e foi a melhor decisão que tomei: continuo a obter novos conhecimentos, criei novas amizades, fiz e colaborei na organização de visitas no âmbito das disciplinas e essencialmente estimulou-me a tirar novos cursos na Universidade.

E Leonardo da Vinci tinha razão...o novo conhecimento tornou a minha alma mais jovem.

Face ao exposto, não deixo de endereçar os parabéns à Sra. Professora Doutora Maria da Graça Pinto por ter criado este curso e fico com a esperança de que a Universidade e a Faculdade de Letras do Porto se preocuparão em criar condições para que o PEUS seja cada vez melhor e uma Instituição digna do máximo respeito por quem a procura.

Manuela Seoane Aluna

O que faço eu no meio do PEUS?

Decido atender ao email sem demora. Tantos alunos e tão poucas respostas?

Boralá!

Provavelmente sou como todos os Peus, profissionais que tiveram carreiras longas, técnicas, exigentes, com muitas necessidades de formação e pouco tempo livre –nenhum– para outros saberes e interesses. A maioria está agora reformada e dispõe de tempo, esse “asset” extraordinário a que só agora chego. Finalmente!

Observo os colegas nesta edição de “Arte I” e, apesar de provirem de áreas tão diferentes, todos partilham da mesma vontade: saber mais.

Imagino que as aulas de Arte sejam muito populares; a atração do belo, a mestria, exercem um fascínio natural no ser humano, em nós, os Peus.

Não fico muito surpreendida por haver neles tantos médicos. É uma carreira tão longa e exigente que dei por mim ao longo da minha vida a desejar o dia em que pudesse aprender outras coisas. Sempre gostei de ver museus e vaguear por quadros, retábulos, esculturas, móveis e objetos. Consigo emocionar-me ao ver uma obra e senti-la; só me acontece o mesmo com a música, por vezes fico perdida na expressão, na cor, na alegria, no sentimento.... Tenho tido muita sorte. Fui aos melhores museus do mundo, vi obras que vão ficar para sempre dentro de mim. Procuro compreender o artista, no seu tempo e modo de viver, e de alguns deles a sua história pessoal. Inscrevi-me nestes cursos para perceber os nomes dos movimentos artísticos e “olhar” melhor para as suas obras, esperava que o curso pudesse fazer a ligação à história, na verdade dou por mim muitas vezes a pensar como seria a vida daquele artista, como seria o seu tempo.

Ligação cronológica e arte. Outra coisa que me interessa e fascina é a arte noutras culturas, enquanto Rafael pinta os frescos da Capela Sistina o que fazem os chineses, os persas os mongóis?

Tenho visto tantos locais e obras maravilhosas: Persépolis, Fortes na Índia, templos, o que estávamos nós na Europa a fazer?

Divago. Deixo o meu testemunho. Procuro aprender para perceber melhor o mundo em que vivemos e o que somos.

Estou muito agradecida ao PEUS, “please keep going”.

Acho toda a turma feliz e interessada. Outra coisa fascinante, pelo menos para mim, é voltar à Universidade e observar os jovens, tantos sonhos, tantas possibilidades.

Quando os observo revejo-me, tanta vida.

Creio que crescer é aprender a deixar ir.

Obrigada

Marcos António Pacheco e Castro Aluno

Cheguei e vi-me rodeado de pessoas da minha idade com vontade de saber, acrescentar novos conhecimentos.

Assim, por opção, quis desenvolver as minhas aprendizagens sobre História Política, que não faziam parte dos meus conhecimentos curriculares dados pela escola e pela experiência de vida.

É um prazer ouvir o Professor Doutor Adrião partilhar os seus saberes e a sua forma de transmitir, cujo objetivo era só e apenas envolver-nos na cadeira por si dada e pela forma como nos convidou a *entrar no autocarro da História* e seguir a viagem, tal e qual como se “passeia” e avança no conhecimento.

Ao fim de muitos anos e pouco saber, deixei-me envolver pela força e vontade do *teacher* Jonathan Lewis em ouvir, sentir e até balbuciar algumas palavras de uma língua que me era adversa.

Depois da experiência de um semestre, quis voltar, para poder escutar, ouvir e aceitar novos desafios.

Foi o que aconteceu com a Professora Doutora Sónia Duarte, que cativou pela sua juventude, energia, vontade de inovar e transmitir conhecimentos, tanto no espaço, como nas visitas de estudo propostas e pelo desafio de organizar uma exposição sobre lugares icónicos da cidade do Porto, totalmente da nossa responsabilidade.

Finalmente, depois de ter aceitado o desafio que me foi dado e proposto pelo PEUS, quero continuar a caminhar este caminho, visto que percebi que nunca é tarde para saber, aprender e ir mais longe nos conhecimentos que me propus adquirir.

Maria de Fátima Marinho Docente

A importância do PEUS

Passaram vinte anos desde a criação deste curso, criação que eu acompanhei de perto, dado o cargo que então ocupava. A persistência e originalidade da Prof. Graça Pinto, a sua insistência na diferença entre este programa e os outros que existiam e ainda existem, legitimou a aposta que a Universidade do Porto entendeu fazer num curso que era novo, cujos propósitos eram diversos de todos os outros cursos que se ministravam na Universidade. O facto de só licenciados se poderem inscrever fez também com que a exigência das matérias lecionadas pudesse refletir o interesse em assuntos cientificamente mais complexos.

Lecionei nos primeiros anos de funcionamento do curso, mas depois, fiz um interregno, devido a outros compromissos. Regressei este ano letivo e devo dizer que o prazer que me dão as aulas de Literatura, para as quais escolhi a análise de *O Esplendor de Portugal*, de António Lobo Antunes, ultrapassa o prazer que alguma vez senti a ensinar estudantes mais novos, frequentemente, alheios aos temas ou com pouco interesse pela Literatura que poderá já não corresponder às suas mais imediatas vivências.

O contacto com os estudantes do PEUS é gratificante: a empatia que se gera (a idade deles é semelhante à minha, Professora jubilada), a partilha de experiências, o estudo de uma obra que apele para temas que facilmente identificam, tudo concorre para criar uma atmosfera cúmplice. A variedade de formações anteriores (há médicos, advogados, economistas, engenheiros, professores) é também uma mais-valia: a possível estranheza inicial transforma-se no gosto da descoberta, na discussão de temas novos, de problemáticas nunca abordadas, de pontos de vista transgressivos em relação ao comumente aceite.

Aposentada há pouco mais de um ano, a saudade das aulas gerava alguma nostalgia e a sensação de uma realidade sem retorno; o desafio para lecionar um módulo tornou-se num inesperado prazer e num sentimento de «juventude» renovada.

Se me perguntam «o que faço no meio do PEUS?», eu respon-

do: persigo a paixão de uma vida inteira, atualizo os conhecimentos, questiono-me sobre o modo de ensinar e a pertinência de alguns saberes, focalizo diversamente o texto literário, relativizo as abordagens consagradas, acolho os pontos de vista decorrentes de formações diferenciadas, ricos em testemunhos pessoais. E a discussão surge cristalina, o prazer entranha-se, o enriquecimento é mútuo, os saberes entrecruzam-se e suplantam-se.

Vinte anos é já um longo percurso, mas há estudantes que se mantêm, que se vão inscrevendo em diferentes matérias, que podem apreciar as modificações e apresentar um ponto de vista crítico em relação às melhorias que se foram introduzindo. São fundamentais esses «repetentes» assumidos, que testemunham as adaptações que se foram fazendo, que se tornam numa espécie de fiéis depositários das opções da direção do curso e que as sabem avaliar e criticar.

O projeto inicial continua o mesmo na sua essência, mesmo se há mudanças, se há algumas divergências de perspetiva, se as matérias são ligeiramente diferentes, anulando-se umas para criar outras, tendo sempre em conta o interesse demonstrado pelos estudantes. A excelência, prioridade desde o início, não teve alterações, o entusiasmo também não esmoreceu, o projeto continua vivo.

Maria de Fátima Pedro Martins Lima da Cruz Aluna

Trabalhei 38 anos na área de tecnologia, área esta sistematicamente em mutação e que a cada passo gerava em mim desafios muito aliciantes.

Após o meu tempo limite na vida ativa, ficou uma saudade imensa desse frenesim da minha vida profissional e dos braços de ferro sucessivos entre máquina e humano.

A minha sede de descoberta e estímulo intelectual conseguiram ser apaziguadas quando encontrei no PEUS outros mundos e outras fontes de conhecimento a explorar.

Sendo claramente um ser da Ciência, os últimos 5 anos têm sido extraordinários em descoberta nas mais diversas áreas tais como: Língua, Linguística, Arte, Desenho, História, Geografia, Roteiros Históricos, Visitas de Estudo, Geopolítica ou Geoestratégia, por exemplo.

Um prazer imenso em explorar novos temas, alguns completamente desconhecidos e um excelente exercício para a minha memória cognitiva.

Sem falar do sucesso da partilha de muitas “destas curiosidades...” em ambiente familiar.

Para além de que, vivendo eu nos arredores do Porto, esta rotina semanal de deslocação à cidade do Porto acaba por promover outras descobertas e experiências não diretamente relacionadas com o PEUS mas igualmente agradáveis.

Em resumo, “Mente sã em corpo são” é definitivamente o mote e o PEUS é aqui o seu elemento agregador.

Que a Universidade do Porto nos proporcione, por muitos anos mais, novos mundos a descobrir.

Maria do Céu Oliveira Aluna

Para que é que serve o PEUS?

No momento em que voltei a pisar o chão da faculdade senti a mesma sensação que tinha sentido trinta e um anos antes. Voltei a sentir as tais “borboletas na barriga”, visto que não sabia nem como nem o que ia acontecer!

Mas... agora, foi um voltar a casa, voltar à casa que me acolheu e que tornou possível a volta que a vida deu, que a vida vai dando!

O PEUS reabriu-me a porta que nunca esteve fechada, mas que não era pisada nem caminhada.

Reencontrar professores e, agora, poder permanecer para ouvir, para escutar, para aprender, para reaprender.

Agora já não preciso de recorrer a apontamentos de outros, já posso estar e tirar apontamentos para voltarem a ser lidos e “ouvidos”, pois a voz, a entoação e os gestos dos professores continuam a ecoar/presentes e posso ficar fisicamente presente,

O prazer de voltar a ser aluna, mas aluna a tempo inteiro.

O prazer de partilhar o mesmo espaço com os colegas/alunos regulares que estão a preparar-se para concretizar sonhos que eu só consegui concretizar quando já tinha mais de quarenta anos.

A alegria de voltar a ser membro de uma academia que aprendi a respeitar, porque me deixa ser de corpo inteiro e permite que o aprender não cansa, não tem limites e não tem idade.

O estar, o poder ficar e permanecer ajuda a rejuvenescer, mesmo quando fisicamente a idade vai querendo dizer que...

Mas... socorro-me de um poeta da minha adolescência:

Não vou por aí! Só vou por onde

Me levam meus próprios passos...

porque...

A minha vida é um vendaval que se voltou.

É uma onda que se levantou.

É um átomo a mais que se animou...

Excertos de Cântico Negro, de José Régio.

E quero terminar com outro poema, de outro poeta que conheci pela mesma idade:

POEMA DA MINHA ESPERANÇA

Que bom ter o relógio adiantado!...
A gente assim, por saber
que tem sempre tempo a mais,
não se rala nem se apressa.

O meu sorriso de troça.
Amigos!
quando vejo o meu relógio
com três quartos de hora a mais!...

Tic-tac... Tic-tac
(Lá pensa ele
que é já o fim dos meus dias.)

Tic-Tac...
(Como eu rio, cá pra dentro,
de esta coisa divertida;
ele a julgar que é já o resto
e eu a saber que tenho sempre mais
três quartos de hora de vida.)

27 jan.1945 GAMA, Sebastião da, Serra-Mãe

Maria Fernanda Maia Aluna

O PEUS vai fazer vinte anos!
Como cresceu tão depressa!
É pena também ter enfraquecido
E assim poder ser esquecido!

De início muitas esperanças
Tantas, mas tantas...
Tal como as crianças
Que anseiam pelo seu primeiro dia
Na escola onde vão aprender
Não só as primeiras letras
Mas também os primeiros amigos fazer!

E foi assim com matérias novas a conhecer
Com novos amigos para desfrutar a convivência
Que começou uma nova etapa na sua vida
Em que os alunos se organizaram
E boas mudanças na sua academia conseguiram.

Logo houve alguém que, por acaso até já partiu,
Pedimos Paz à sua alma.
Era a Sofia a quem o PEUS muito ficou a dever.
Ela juntou-se a outros dois colegas do seu ano,
O João Baptista e o Manel Bastos,
E, os três organizaram para todos nós,
Deslocando-nos de autocarro,
Umas alegres visitas de estudo
Em que visitámos muitos Monumentos Nacionais
E, havia sempre um bom almoço para degustar
Assim como agradáveis cantares e bailaricos
Para os tempos de juventude recordar!

Também houve visitas a outros lugares icónicos,
Como, por exemplo, o Novo Terminal de Cruzeiros

Que nos deixou tão alegres e atónitos,
 Porque o visitamos antes da sua abertura.
 Três autocarros se encheram de colegas.
 Contudo foi uma verdadeira aventura!
 Pois que mais uma vez imperou a burocracia
 E foi obrigatório, cada visitante,
 Aprontar, além da sua identificação,
 Uma série de documentos imprescindíveis
 Para poder ser entrante.

Isso é que foi complicado
 Pois conseguiu tirar o sono
 A quem assumiu a organização
 Algumas noites passadas em claro
 Para poder dar saída àquela situação!

Muitas outras peripécias se podiam contar
 Mas chegou a pandemia chamada Covid
 Responsável pela grande debandada,
 Aulas online, foi uma solução que não veio para ficar.
 Pois nos faltava o contacto e a convivência
 Que são as principais motivações do PEUS

Ainda antes da pandemia,
 Os alunos, sentindo uma certa falta de convivência,
 E, ansiando por novos conhecimentos adquirir,
 Organizaram, eles mesmos, com uma colega ao leme,
 Dezenas de conferências com temas muito relevantes,
 Proferidas por sabedores de diferentes matérias deveras interessantes

Muito apreciadas por todos, tanto de história, como de psicologia,

Como de Medicina ou Geografia
 Como de outros assuntos que ouvíamos com a melhor das atenções.

Com direito a perguntas que sempre enriquecem estas questões.

No fim destas Conferências fazíamos sempre um almoço-con-

vívio num restaurante perto da Faculdade de Letras que vinha também aumentar a camaradagem entre todos os alunos.

Permitam-me que fale do Professor Luís Amaral
Que, além de nos fazer palestras sobre temas de História,
Como, por exemplo “O COUTO DOS HOMIZIADOS” e muitos outros.

Organizou para nós, várias visitas de estudo de três ou mais dias,

Levando-nos a conhecer vários locais históricos,
Tal como todas as fronteiras e castelos com a nossa vizinha Espanha

Que se revelaram muito interessantes e icónicos.

Para lá da fronteira visitamos em Espanha Covadonga, Oviedo, Astúrias, Leão, no Norte, sempre com a presença do Professor Luís Amaral

Lá no Sul ficamos a conhecer Sevilha, Granada, onde também visitamos Alhambra e Córdoba. São tudo cidades repletas de monumentos históricos, deveras interessantes e lindíssimos

Nos dezassete anos que tenho de PEUS,
O que fiz eu até agora?

O mais importante de tudo foi a convivência com os novos colegas, os passeios que fizemos, os almoços-convívios... Também as novas matérias têm sido muito interessantes, com professores à altura.

No entanto o que me deu mais prazer foi organizar as Conferências, colaborar na organização de almoços e de visitas de estudo.

VIVA O PEUS!

Maria Helena Pinto Aluna

Este é o meu 3º ano no PEUS e desde o início que me sinto muito motivada com o programa oferecido pela FLUP.

O PEUS é um convite à aprendizagem contínua, um espaço onde a experiência de vida se encontra com a curiosidade intelectual e oferece uma oportunidade única de expandir horizontes, explorar novos conhecimentos e redescobrir interesses antigos. A proposta não é apenas académica, mas também social e emocional. A aprendizagem vai muito além dos conteúdos lecionados, traduzindo-se em partilha de vivências, em debates enriquecedores e em novas amizades que surgem no caminho.

O PEUS acolhe a diversidade de ritmos e interesses, respeitando o saber acumulado e valorizando a busca pelo novo, permitindo-nos explorar várias áreas de conhecimento, desde a história e literatura até às ciências sociais, línguas estrangeiras ou artes. Os professores são excelentes, partilhando o seu conhecimento de uma maneira acessível, respeitando o nosso ritmo e fomentando a troca de experiências entre todos.

A FLUP, com este programa, mostra que nunca é tarde para aprender e crescer, o PEUS é, sem dúvida, um convite para continuar a viver com curiosidade e sabedoria, que vem não só do que sabemos, mas também, do que estamos dispostos a aprender.

Maria Isabel Guerra de Oliveira Pinto Aluna

Ponto prévio

Este desafio foi-me apresentado pela minha irmã que logo agarrei para melhorar o meu inglês. Realizei toda a minha formação académica, licenciatura e mestrado na FCUP.

Porto, 26 de fevereiro de 2025

Primeira aula de inglês

Professor Jonathan Lewis

Início da aula uma sensação diferente, talvez estranha dentro de mim, porque vivi a inversão de papéis, uma vez que sou há 38 anos professora de física e química e neste momento era outra vez aluna.

Que experiência interessante!

Estar atenta, participar nas tarefas propostas, colaborar com os colegas; foi tão bom estar na aula, agora como aluna e com um ótimo professor, motivador mas exigente.

Os 90 minutos de aula passaram a correr, nem dei conta, e ficava com prazer mais outros tantos.

Conheci colegas novos, partilhamos a nossa identidade e os nossos interesses pessoais. Nas aulas seguintes continuamos num ambiente fantástico de aprendizagem que nos motiva a estar sempre presentes.

Respondendo à pergunta “O que faço EU no meio do PEUS?

Aprendo

Convivo

Descubro

Participo

Maria João Januário Aluna

Em 2021 tive conhecimento deste Programa de Estudos da Faculdade de Letras da U.P. e, correspondendo a domínios de conhecimento diferentes da minha formação inicial e profissional, despertou desde logo o meu interesse.

O Programa de Estudos era diversificado e atraente. Se, por um lado, complementaria os meus conhecimentos teóricos, por outro, promoveria a minha inserção numa comunidade de pessoas com interesses idênticos.

Decidi inscrever-me e experimentar...

Se considerar que:

- Envelhecer bem tem por base uma boa atitude perante a vida e o cultivo de relacionamentos interpessoais.
 - A Ciência permite termos vidas cada vez mais longas, mas a Economia e a sociedade empurram-nos para fora do mercado de trabalho cedo demais.
- e
- O ócio, se bem que aprazível, é inimigo da boa saúde física e mental/cerebral.

A minha participação no PEUS permitiu-me verificar que:

- É constituído por uma comunidade de pessoas simpáticas, com interesses comuns e que promovem convívio dentro e fora dos muros da FLUP.
- As viagens e visitas, que as aulas e as atividades *extra-curriculum* proporcionam, são estímulo a convívios e a sair de casa.
- Os temas abordados nas disciplinas permitem a consolidação de conhecimento, o desenvolvimento de algum sentido crítico, o reconhecimento de valores históricos, culturais, estéticos e sociais contribuindo assim para a minha cultura geral.
- E os professores promovem um bom ambiente em sala de

aula, são empenhados, interessados e adequam o plano de estudos ao público-alvo.

Tenho lido que SOCIABILIZAR e SAIR DE CASA são fatores que contribuem para um envelhecimento mais saudável e ativo e melhoram a qualidade de vida.

Ora, o PEUS preenche perfeitamente os requisitos que contribuem para a melhoria da qualidade de vida: SAIR DE CASA, APRENDER, SOCIALIZAR.

Assim considero que o balanço da minha participação no PEUS é muito positivo e contribui de facto para melhorar a qualidade da minha vida.

Estou já no terceiro ano e penso continuar a participar nas atividades deste Programa de Estudos...

Maria Joaquina Vasconcelos Aluna

Entrei para o PEUS no ano letivo 2015/2016, aquando das comemorações dos 10 anos da sua constituição. Nessa altura escrevi sobre os motivos que levaram à minha inscrição, designadamente querer continuar a aprender e quais as minhas expectativas. Agora, que se comemoram os 20 anos, posso afirmar que o saldo é francamente positivo.

Assim, frequentei disciplinas das diversas áreas do saber, como Literatura, História da Arte, História do Cristianismo, A influência da Bíblia na Cultura Ocidental, História do Livro e Bibliotecas, Geografia Urbana, etc.

Em Geografia Urbana, começamos pela cidade do Porto, desde a sua origem até aos nossos dias e continuamos o estudo de diversas cidades do mundo, como Jericó na Palestina que se julga ser a mais antiga cidade do mundo! Ainda em relação à cidade do Porto, agora, quando entro numa igreja, sei dizer qual é o estilo da talha dourada dos seus altares, barroco nacional, barroco joanino, rococó, neoclássico? Tudo isto aprendi na disciplina de “Porto, Território, Devoções e Imagens”.

Mesmo com a pandemia da Covid 19, o PEUS continuou com aulas por Zoom! Destaco neste período de tempo a disciplina de História do Livro e Bibliotecas, onde nos foram mostradas desde as mais antigas bibliotecas do mundo, com rolos de papel/papiro nas prateleiras, passando pelas bibliotecas de mosteiros, abadias, palácios e universidades, até as mais modernas do ponto de vista arquitetónico, donde destaco a Nova Biblioteca de Alexandria, que tenciono visitar se vier a viajar para o Egipto.

Contudo, História do Cristianismo e Bíblia e sua Influência na Cultura Ocidental, que frequentei no ano letivo 2022/2023, foram as disciplinas que tiveram mais impacto em mim, pois os meus conhecimentos sobre estas matérias eram muito rudimentares. Li muitos textos aconselhados pelos professores e até realizei viagens que nunca tinha pensado fazer, como ir a Israel e territórios palestinianos em dezembro de 2022, a Roma em junho de 2023 e a Istambul (ex Constantinopla) em outubro de 2023. Ter passado a

noite de Natal de 2022 em Belém da Palestina, ter feito um passeio de barco no mar da Galileia, ter estado em Jericó, visitar a Basílica do Santo Sepulcro e o Muro das Lamentações em Jerusalém, foi uma experiência que nunca mais esquecerei.

Em Roma, visitei o Coliseu, construído pelos judeus quando foram feitos escravos pelos romanos nos anos 70 d.c. e vi a porta da primitiva muralha da cidade, por onde entrou S. Paulo, vindo de Jerusalém para ser julgado em Roma, onde veio a morrer. Em Constantinopla, vi a coluna de Constantino, o Imperador Romano que no século IV d.c., permitiu que o Cristianismo fosse considerado uma religião oficial.

Todos estes conhecimentos transmitidos em aula, também foram consolidados no “terreno”, com o precioso acompanhamento dos professores, donde destaco o Professor Luís Amaral, sempre disponível para nos acompanhar nas muitas visitas de estudo a Catedrais, Mosteiros, Igrejas Românicas, Mesquitas (Córdoba), Palácios (Granada), etc., bem como o Professor Jorge Ricardo Pinto, nos vários percursos pela cidade do Porto.

Um dos interesses que demonstrei, quando entrei para o PEUS, foi a realização de intercâmbios com outras universidades com cursos para seniores. E, de facto, já realizei 3 intercâmbios: com a Universidade de Salamanca, com a Universidade da Corunha e com a Universidade Tomás Bata (UTB) em Zlín na Chéquia, tendo sido este último o mais desafiador, pois quer a exposição do trabalho que fizemos sobre o nosso país, quer a interação com os professores e alunos, teve que ser em inglês. Tivemos a preciosa ajuda dos Professores Marta Correia, que nos acompanhou a Zlín e Jonathan Lewis na revisão do trabalho que elaboramos. Este intercâmbio com a UTB foi muito enriquecedor, pois nós nunca tínhamos ouvido falar de Zlín e ficamos a saber que a cidade teve um desenvolvimento muito grande há 100 anos, graças ao empresário Tomás Bata, que a transformou na maior produtora de calçado do mundo, sendo que hoje é conhecida pela arquitetura modernista dos seus edifícios, cujo risco é do arquiteto Le Corbusier.

De referir que o PEUS recebeu no ano letivo 2023/2024 os alunos seniores da Universidade UTB, que de acordo com o seu “feedback”, gostaram muito da cidade do Porto, da sua Universidade e dos alunos e professores que os receberam.

Ao frequentar o PEUS na FLUP, aproveitamos também as diversas conferências anunciadas para os alunos em geral e aquelas que são

organizadas para nós, pela Professora Doutora Maria da Graça Pinto, criadora do PEUS, a quem deixo um agradecimento especial, uma visionária que há 20 anos percebeu a importância de “aprender ao longo da vida”, como um extraordinário benefício para a saúde mental e física da população sénior.

Concluindo, posso dizer que hoje sou uma pessoa mais enriquecida em conhecimentos e amizades, pois não só incrementei a minha cultura geral, como conheci excelentes Professores e colegas de curso, alguns dos quais considero amigos/as.

Maria Manuela de Melo Massena Aluna

Frequento o PEUS, salvo erro, desde 2019.

Programa interessante, pois, para além de o saber não ocupar lugar, também só é útil quando partilhado.

Posto isto, apresento algumas sugestões que não só merecem o acolhimento de outros colegas como nos trariam a alegria da participação:

Constituição de uma pequena comissão representativa dos alunos, como já aconteceu no passado. Facilitaria o diálogo necessário com a Professora emérita que dirige o PEUS;

Organização de intercâmbios com outras universidades seniores, nacionais e estrangeiras (desde que frequento o PEUS só beneficiei de uma, que foi fantástica);

Organização mensal de um passeio por zonas emblemáticas do País, quer no que diz respeito a monumentos, feiras, Natureza, etc.

Organização de um programa inter-geracional de partilha e intervenção cívica, pois o contacto que tenho tido com várias e vários alunos da UP revela que veriam tal iniciativa com elevado interesse. Depois de aferidas as dúvidas, angústias e curiosidade dos jovens relativamente às gerações mais velhas, uma reunião por mês parece suficiente e relevante, ainda mais nos dias que correm.

Muito mais haveria a dizer para desenvolver esta ideia, mas, para já, fico por aqui.

Renovação de disciplinas e retorno de algumas outras que já tivemos.

A título de exemplo, sugiro:

- Disciplina na área da Sociologia;
- Disciplina na área da Ciência Política;
- Disciplina de Canto;
- Disciplina de Dança;
- Disciplina na área da pintura, designadamente, aguarela, que não implica muitos instrumentos de trabalho e se ajusta a qualquer sala;

- Retorno da temática “Roteiros Históricos do Porto”, que já foi ministrada pela Dra. Raquel Patriarca;
- Escrita Criativa, que, igualmente, já foi ministrada pela Dra. Raquel Patriarca.

E por aqui me fico, na esperança de ver acolhidas algumas das sugestões.

Estou disponível para eventual troca de impressões sobre estas temáticas.

Maria Manuela Silva Dias Aluna

O meu primeiro sentir no PEUS é o de “reviver o passado”.

Como me sinto bem só por andar nos corredores!

É um recuo no tempo.

Sei bem que o tempo não volta para trás, mas nas aulas dou por mim noutros tempos, noutra vida que já vivi.

A saudade está sempre presente, às vezes muito aguda.

O ambiente da Faculdade, o simples andar nos seus corredores, as salas de aula, o Bar, envolvem-me! Rejuvenesço!

Afinal ainda posso aprender. Afinal não me sinto ultrapassada. Afinal tenho vários objetivos para alcançar. Até uma nova língua posso vir a falar.

Sei que os neurónios também se rejuvenescem e novos neurónios se formam, o meu cérebro não cristalizou. A vivência na Faculdade certamente está a estimulá-los. Vou adquirir mais uns anos cognitivos, vou melhorar as minhas aptidões.

E como me delicio a escolher as Unidades Curriculares!

Vários temas sobre os quais sempre tive curiosidade. Tenho possibilidade de alargar os meus horizontes, que foram muito formatados e limitados por mais de quarenta e três anos de trabalho, muito absorvente e de extrema responsabilidade.

Adorei a minha profissão e tenho muito orgulho em ter sido Cirurgiã, e perdoem-me, mas acho que poucas profissões são tão completas, tão uteis, tão gratificantes para todos os envolvidos.

O programa PEUS ultrapassou as minhas expectativas.

Vejo como os alunos vibram e se entusiasmam nas aulas. Os professores igualmente transmitem o seu gosto em ensinar pessoas que a sociedade vai afastando e menorizando em maior ou menor grau.

Não sinto nenhum estigma. Pelo contrário sinto inclusão!

Os meus Parabéns pelo excelente trabalho.

O meu muito obrigada!

Maria Teresa Ramos Bernal, Directora Programa Interuniversitario de la Experiencia, UPSA

Programa Interuniversitario de la Experiencia de Castilla y León. España

Los programas universitarios para personas mayores constituyen una alternativa para el envejecimiento activo, dando respuesta a las necesidades culturales de este colectivo y forman parte de muchas de las acciones que en esta línea se desarrollan tanto dentro como fuera de España.

En el año 1993, la Junta de Castilla y León, puso en marcha el Programa de la *Universidad de la Experiencia*, contemplado en el Plan Regional para las Personas Mayores. Desde el inicio del programa, la Universidad Pontificia de Salamanca, entidad que trabaja potenciando las relaciones intergeneracionales y difundiendo la cultura en la sociedad, lo estuvo desarrollando con financiación de la Junta de Castilla y León, hasta el curso 2001/2002.

Con el ánimo de dar ampliar este programa, la Universidad Pontificia de Salamanca y Junta de Castilla y León impulsaron un nuevo proyecto, denominado *Programa Interuniversitario de la Experiencia de Castilla y León*, que ha permitido dotar a la anterior *Universidad de la Experiencia*, de un mayor enriquecimiento y ampliar las oportunidades de implantación, tanto en las localidades en las que hasta ahora se estaba llevando a cabo como en otros ámbitos de menor población.

El Programa Interuniversitario ha sido elaborado por todas las universidades, públicas y privadas, de la región y la Gerencia de Servicios Sociales de la Junta de Castilla y León.

Se desarrolla desde el curso académico 2002/03 en las capitales de las nueve provincias de la Comunidad y en otras localidades castellano leonesas. Actualmente se desarrolla en 27 sedes.

El Programa está co-financiado por la Junta de Castilla y León y lo desarrollan las ocho Universidades de la Región.

Uno de los objetivos y retos de mejora del Programa eran y son los intercambios nacionales e internacionales.

Creemos que intercambiar experiencias de formación a lo lar-

go de la vida, conocer otras universidades, estar y asistir a las clases de otros programas, conocer otras ciudades y relacionarse y convivir con otras personas mejora y potencia nuestro desarrollo personal y social.

Un criterio básico de los intercambios entre programas universitarios es el compromiso de devolución del intercambio. Y la estancia mínima de una semana o dos en periodo lectivo.

Los intercambios nacionales los comenzamos en la Universidad de la Experiencia en el año 1996 entre la Pontificia de Salamanca y la Universidad de Granada, y han seguido realizándose en cursos posteriores con otras universidades españolas.

Intercambios internacionales

Para lograr una mayor implicación de la Universidad Pontificia en estos nuevos proyectos de intercambio pedimos al Departamento de Relaciones Internacionales, que es el encargado de la movilidad (Erasmus y Séneca) de estudiantes de las diferentes titulaciones, que nos indicara con qué universidad portuguesa podíamos iniciar este proyecto y tras algunas reuniones en octubre de 2007 consideramos que era más factible comenzar con la Universidad de Porto ya que tenían un funcionamiento un programa similar y además nos transmitieron que tenían previsto con sus Alumnos Mayores visitar una Universidad española.

En el curso 2007-2008 comenzamos esta relación y colaboración entre las dos Universidades: PORTO y PONTIFICIA DE SALAMANCA.

Desde entonces hemos realizado cuatro intercambios a la Universidad de Porto, entre 2007-2008/2011-2012 y hemos recibido durante nueve cursos académicos a alumnos de Porto, ente 2007-2008 / 2017-2018.

Han participado más 230 alumnos en estos intercambios y todos han valorado lo enriquecedora que ha sido la experiencia. También para las dos instituciones.

Finalizo felicitando a la Universidad de PORTO, por la celebración de los 20 años del Programa de Estudios Universitarios para Seniores... que sigáis creciendo, innovando, apoyando y potenciando el Programa y con el deseo de poder retomar estos intercambios interrumpidos por la pandemia.

También quiero recordar a M^a Adoración Holgado Sánchez,

Dory, creadora y impulsora de estos programas e intercambios. En la universidad Pontificia continuamos con el legado que nos dejó. Espero que sigamos con ilusión siendo curiosos, creyendo y apostando por las personas, siendo creativos, investigando, superando obstáculos, pero recorriendo y haciendo camino día a día.

Maria Teresa Simões Galvão Furtado da Silva Aluna

Início este texto confessando que, após a minha aposentação em 2009, como Docente do Ensino Básico e Secundário (na vertente de Línguas - Portuguesa e Francesa), comecei por procurar algo que me mantivesse tão ativa e ocupada, como estivera até ali.

Ficar inativa?... Nunca!

Na altura, sem me querer precipitar, fiz uma reflexão ainda demorada do que pretendia verdadeira e concretamente daí para a frente, para aproveitar os restantes anos da minha vida.

Acabei por concluir que não me bastava estar tão somente “ocupada”. Teria de haver mais algumas componentes ao meu redor, uma nova experiência que me desse prazer e qualidade de vida.

Achei que algo semelhante ao Ensino me daria prazer, vendo, nessa escolha, uma espécie de “continuidade” do que fizera até aí tendo-me dedicado a ele (Ensino) a 100%. Só que, desta vez, seria “do outro lado da secretária”!

Concluí nessa reflexão que me agradaria muito a ideia de voltar a ser aluna... Afinal de contas, saber mais, aprender mais, era o meu objetivo.

Outro aspeto importante em que também pensei foi no convívio com outros colegas de áreas diferentes, cujas “histórias de vida” por eles vivenciadas e contadas, tanto a nível pessoal como profissional, fossem como que “uma manta de retalhos” ao ouvi-los, o que nos faz imaginar num mundo “repleto de viagens”.

Sim, as nossas vivências individuais são diferentes, pois cada um de nós é diferente; e, no fundo, nesses convívios todos somos uns “contadores, de histórias”, aprendendo muito com o que ouvimos dos outros colegas e alguns já amigos.

A minha escolha recaiu no PEUS através da leitura do ALUMNI.

* Yourcenar, Marguerite (1977). “Sequência da Páscoa: Uma das mais belas histórias do mundo”. In Yourcenar, Marguerite (2020). *O tempo, esse grande escultor*. Lisboa: Relógio de Água, pp.115-117.

Sabemos que as Universidades Seniores constituem uma resposta social porque combatem o isolamento em que alguns se deixam “cair” após a aposentação. Estes estabelecimentos de Ensino incentivam os seniores, de um modo muito positivo, não só na vida social (fugindo da “exclusão”), mas também diminuindo o risco de dependência.

E é “O que faço EU no meio do PEUS” já há 15 anos!

Para além de me sentir realizada e feliz, a minha perspetiva é de nele continuar!

Em jeito de conclusão, resta-me AGRADECER aos criadores do PEUS, não esquecendo nunca o que tenho aprendido com os professores das disciplinas que tenho frequentado na Faculdade de Letras do Porto e com o número de amigas e amigos com quem já passei a contar...

Até sempre!

Marisa Pereira Santos Docente

Nas palavras de Marguerite Yourcenar, «Uma das mais belas histórias do mundo termina com os reflexos de uma Presença, bastante semelhantes a nuvens que o sol já posto ainda ilumina» (1977, p. 117)*. Na linha de pensamento da autora e considerando, neste texto, o caso particular e emotivo da minha colaboração com o Programa de Estudos Universitários para Seniores (PEUS), da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, atrevo-me a dizer que, entre 2019 e 2024, vivi uma bela história, cujos ecos ainda se fazem sentir no meu percurso profissional.

Iniciei a minha atividade como docente neste Programa, mal sabia eu que era o início de uma bela história! O perfil do estudante que procura o PEUS exige do formador um elevado grau de qualidade nas metodologias de ensino e no conteúdo curricular. Oriundos de diferentes áreas do conhecimento, o que leva à formação de turmas com o forte carácter heterogéneo e pluridisciplinar, estes alunos procuram conhecimento de qualidade, que reconhecem na oferta da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Procurei trazer para o PEUS as linhas de investigação às quais dedico o meu trabalho científico. Por entre os Estudos da Imagem, a análise do Território e da Paisagem, a sua relação com a Arquitetura de pendor sacro e as Artes Decorativas, os alunos foram convidados a relacionar o importante binómio da História da Arte e do Património Cultural.

Para além da componente académica deparei-me com a formação de uma fásia, orgânica e em constante movimento, que interligou os vários capítulos desta história. A aprendizagem foi recíproca. Para além de partilhar conhecimento científico foi-me dado o privilégio de contactar com um vasto conjunto de estudantes que tantas vezes contaram as suas vivências, memórias e anseios. Esta reciprocidade permitiu a criação de laços afetivos entre todos. Recordo com carinho as aulas de campo. Percorrendo vias tão conhecidas da cidade do Porto, como a Avenida dos Aliados ou o Jardim da Cordoaria, os estudantes foram convidados a direccionar um novo olhar sobre a cidade e as suas estratégias. Os passos da-

dos pela urbe trouxeram ao discurso memórias de infância e juventude destes alunos, ativadas pelas esculturas, pelas fontes públicas, pelos azulejos das fachadas, pelas texturas e cores da paisagem. São histórias de vida que se cruzam com os ensinamentos científicos, quase como que num exercício musical da desgarrada tradicional.

Guardo os vários capítulos desta história no meu arquivo de saberes, recorrendo a este conteúdo mnemónico diariamente, na esperança de me tornar uma melhor profissional a cada dia. Estou certa de que o PEUS continuará a fazer parte do meu caminho, pois como diz um ditado da minha terra: “voltamos sempre aos lugares onde fomos felizes!”.

O meu eterno obrigada!

Marta Antunes Funcionária

Confesso que quando comecei a trabalhar na FLUP, há onze anos atrás, nos meus primeiros contactos com o PEUS enquanto gestora de informação do SIGARRA, não percebia bem o alcance e o impacto que um curso de estudos universitários para seniores tinha na FLUP e na Universidade do Porto.

Com o passar do tempo, e nas interações que ia tendo com os docentes e os estudantes deste curso, fui conhecendo algumas das suas especificidades e características que o tornam um verdadeiro caso de sucesso: estudantes com uma grande vontade de aprender e também partilhar conhecimento, mas exigentes, desafiando os dogmas do ensino, forçando os docentes a repensarem as suas estratégias de ensino e a inovarem na forma como lecionam e comunicam com os estudantes.

Assim como desafiam os serviços de uma instituição de ensino superior, pois contactar com os estudantes do PEUS obriga-nos a repensar a nossa missão, e implementar medidas não apenas direccionadas para estudantes de licenciatura, mestrados ou doutoramentos, mas sim para públicos-alvo de diferentes gerações, com necessidades e objetivos diferentes.

Perante este ambiente institucional diverso, muito mais que um desafio, ter um curso como o PEUS na FLUP constitui uma mais-valia, enriquecendo a cultura organizacional, e os serviços que se tornam mais acessíveis e inclusivos.

Marta Leal Craveiro Funcionária

20 anos de vida, de aprendizagens e de encontros

Há 20 anos, nasceu na Universidade do Porto, por iniciativa da Senhora Professora Doutora Graça Pinto, um projeto especial – o **Programa de Estudos Universitários para Seniores (PEUS)**. Desde então, o PEUS simboliza muito mais do que um projeto académico: representa um compromisso com a educação ao longo da vida, a valorização da longevidade e a criação de uma comunidade intergeracional.

Num ambiente universitário inclusivo, o PEUS afirmou-se como um espaço de partilha, descoberta e crescimento pessoal. Várias centenas de estudantes seniores, ao longo destes anos, trouxeram consigo histórias de vida, olhares atentos e um espírito jovem e aberto a novos conhecimentos. São pessoas que escolheram continuar a aprender – não porque precisam, mas porque querem. Porque reconhecem na educação ao longo da vida uma forma de se manterem ativas, ligadas ao mundo, e de darem continuidade à sua jornada pessoal com entusiasmo e sentido. E por todas estas razões, estes estudantes são para mim, enquanto membro da Unidade de Educação Contínua da FLUP e, acima de tudo, enquanto pessoa, uma enorme inspiração.

Celebrar os 20 anos do PEUS é, por isso, celebrar a coragem de quem, independentemente da idade, escolhe continuar a aprender. É homenagear um percurso coletivo onde a Universidade se reinventa como espaço de encontro entre gerações, onde o saber não tem idade e onde o tempo é vivido com propósito, curiosidade e alegria.

Parabéns a todas as pessoas que têm feito do PEUS um lugar tão especial – que os próximos 20 anos sejam tão inspiradores quanto os primeiros.

Raquel Patriarca Docente

O que faço eu no meio do PEUS

ou

A circunstância de ser o professor o verdadeiro aprendiz

Dizem que aprender não tem idade
e também o contrário
que há um tempo próprio para cada coisa
uma coisa própria para cada momento.

Eu que duvido teimosa e metodicamente
das coisas que se dizem –
tanto das que seguem a direito como das que vão em contrário –
penso que aprender tem muitas idades
que tem todos os momentos e as coisas que neles cabem
e os entendimentos que delas se fazem em cada tempo
a direito ou em contrário.

Eu que do PEUS trago memórias e amigos
abraços em surpresa e ternura inteira
embarço-me na frente do enigma em desafio:
o que faço eu no meio do PEUS?
(quem se lembrou de tal pergunta
talvez não se tenha lembrado
que – um dia – teria de lhe responder).

Eu que perante entusiasmo e altruísmo
conhecimento e determinação e alegria
percebo aos poucos o caminho da dignidade
encontro somente palavras de gratidão.

O que faço eu no meio do PEUS?

Eu – professora – aprendo.

Rosário Soveral Docente

À questão – “O que faço EU no meio do PEUS? – confesso que a resposta que dou espontaneamente é de que vivo, como formadora, uma experiência profundamente gratificante e sedutora. Essa experiência, ano após ano, semestre por semestre, desde 2020 é gratificante pela consciência que tenho de que me integro e colaboro num projeto que considero pioneiro e duma riqueza humana sem limites.

Com efeito, é pioneiro porque não limita a sede e o desejo de aprendizagens à idade, ao tempo, que ao longo dos anos passa sobre os ombros de cada um de nós. E se é pioneiro, tem horizontes.

E como o PEUS tem horizontes, o desejo do saber não está limitado à especialidade na qual cada um exerceu a sua atividade profissional. Libertar a Cultura, libertar o Saber é isso mesmo: é tornar possível o encontro com novos saberes, o despertar de novos interesses a todos aqueles que, pela idade e pela condição de reformados, deveriam esperar tranquilamente que passassem plácidas as horas, sentados à mesa de um café, lendo vagarosamente o jornal. No PEUS encontram-se e cultivam-se os mais variados temas, surgem novas relações humanas, há visitas a espaços que ficariam desconhecidos, ou que poderão ser vistos de outras perspetivas. Há encontro, há relação humana.

O que faço EU no meio do PEUS? É curioso, falei sobre o imenso valor que dou ao PEUS. Mas, o que faço Eu no meio do PEUS? Partilho de um projeto onde o Saber e a Cultura não são meras palavras, mas são vida e projeto que a idade não limita. E, numa palavra, no PEUS, como pessoa e formadora sou imensamente feliz.

Sónia Duarte Docente

Dedico este texto à Professora Maria da Graça Castro Pinto

Parabéns, PEUS, pelos teus 20 anos de existência!

As duas unidades curriculares que lecciono no PEUS são da responsabilidade da Professora Ana Cristina Sousa, por quem tenho especial consideração pessoal e profissional.

Não foi novidade para mim comunicar com as turmas PEUS. Comecei há 20 anos – precisamente! –, a trabalhar como docente num projecto artístico no bairro da Cova da Moura, ao mesmo tempo que desempenhava funções de técnica superior no Museu da Música, ao abrigo de uma bolsa do Ministério da Cultura (fazendo o serviço educativo parte do processo). Em simultâneo, fazia o mestrado em Musicologia Histórica na FCSH/NOVA, depois de me ter licenciado em História da Arte na FLUP, e de durante anos ter comunicado, em palco, mas sem recurso a palavras. É assim a vida dos músicos. E a dos espíritos curiosos e inquietos.

Quando me foram confiadas as unidades, preparei-me, como habitualmente. Tinha acabado de defender o doutoramento em História da Arte, na FLUL, e queria continuar a transformar a sala de aula num laboratório de investigação-acção muito focalizado nas metodologias, fortuna crítica e simulações reais de contextos de trabalho. Apresentei-me e ao cronograma, programa, objectivos, bibliografia e ao plano bem definido, que incluía, numa data a combinar, a materialização de um congresso nacional inerente aos conteúdos (estratégia que os alunos da Licenciatura de História da Arte haviam aderido, meses antes, de forma entusiástica e colossal). De imediato, a voz de Maria, uma das alunas, se opôs. Genial! - pensei. Repensei. Encetei outro plano de trabalhos para apresentar à turma na aula seguinte. Avancei.

E, assim, comecei a estabelecer pontes. A primeira ponte foi na casa dirigida pelo Ponte. Lá chegarei. O diálogo seria um *cliché*: abordar os conteúdos em sala de aula e verificá-los nas visitas de estudo. Em paralelo, assegurei bilhetes para actividades em contexto real de trabalho: os ensaios abertos da orquestra residente da

Casa da Música, às sextas-feiras pela manhã. Destas unidades curriculares guardo, naturalmente, o excelente ambiente dentro e fora de sala de aula. Farei, no entanto, destaques.

No âmbito da unidade curricular *Porto: território, devoções e imagem*, abordei os patronos da cidade e isso conduziu-nos ao MNSR para ver o Porto pintado ou a cabeça de São Pantaleão, em diálogo com Adelaide Carvalho. Depois de uma aula sobre o *modus vivendi* de Joaquim Pinto Leite de Cucujães, fizemos uma visita à Casa do Campo Pequeno, vulgo Palacete Pinto Leite, co-conduzida pelos proprietários Beatriz e António. Para além da arquitectura, pudemos ‘ver melhor’ a escultura de Henrique Moreira, a «Espirai» de Canoilas, e pude explicar a história da Casa, uma vez que lá tinha estado, diariamente, entre aulas, ensaios, recitais, concertos ou gravações, nos tempos de estudante do Conservatório de Música do Porto, até 2005. Depois, elenquei figuras (des)conhecidas da cidade. Fomos, na aula de campo seguinte, à Casa dos Livros, ver a exposição «O Porto de João Amaral», comissariada por Alexandra Falcão, e co-conduzida pelo Pedro Sampaio que nos enriqueceu a tarde. Outras figuras, ligadas à azulejaria - Jorge Barradas, Jorge Colaço, Cecília de Souza ou Júlio Resende - ou à pintura, levaram-nos a ver O Parnaso ou a Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio e o seu jardim. Nas aulas houve tempo de ouvir as apresentações de José Oliveira sobre o intenso trabalho de arquivo que tem levado a cabo, de José da Costa, Maria do Céu ou Marcos Pacheco. O culminar de tudo isto deu-se com a curadoria de uma exposição na Biblioteca Geral da FLUP que intitulei «O Porto visto pelo PEUS: exposição de imagens e de som», e que envolveu um colectivo, como explanarei, adiante.

Em *Arte, música e espaço sacro*, destaco as aulas sobre iconografia musical e a visita ao MNSR. Depois, a explanação sobre a passagem de uma tradição musical oral para a fixação manuscrita e iluminada, incunábulo e imprensa, funções e significados. Seguiu-se a organologia e o particular interesse pela evolução do órgão que nos conduziu ao Mosteiro de S. Bento da Victória, para ouvir Nuno Mimoso. O quão bem fomos recebidos na Casa do Largo da Paz pelos Professores Helena e Henrique Araújo. E, mais tarde, pelo historiador António Miguel dos Santos no cenóbio de Santa Clara, tendo-se abordado as tangedoras e cantoras, ou a *chinoiserie*. De salientar que todos os meus alunos da outra unidade curricular foram

convidados a integrar-se nas visitas, quando havia vaga. Que dinâmico, que enriquecedor!

«O Porto visto pelo PEUS: Exposição de imagens e de som», de 4 a 27 de Fevereiro de 2025, na Biblioteca Geral da FLUP; Curadoria: Sónia Duarte. *Ver anexo 4.2.*

Esta exposição nasce no âmbito da unidade curricular ao PEUS «Porto: imagens, território e devoções» leccionada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, por Sónia Duarte. Ao longo das aulas foi pedido aos alunos que pensassem no antes e no depois. O depois, que, em boa verdade, é o agora.

Diante de uma imagem pré-existente de autoria conhecida ou ignota – uma pintura de Alvarez, Jaime Isidoro, Sofia de Souza, Dordio Gomes, António Carneiro; um painel azulejar de Jorge Colaço, Cecília de Souza, Júlio Resende; uma fotografia de Mário Novais; um caderno de desenhos de 1833; etc.; havia de se ‘ver melhor’ como estava o espaço ou o objecto artístico, hoje. Para tal, muito contribuíram o trabalho de campo e as visitas às colecções do Porto; a iconografia do Porto representada no Museu Nacional Soares dos Reis; os retratos e as memórias com música lá dentro da Casa do Largo da Paz; a Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio e o seu jardim; a Casa do Campo Pequeno; ou cenóbios como Santa Clara. Como se verá, do espaço, rapidamente se passou às memórias escritas, narradas e gravadas em estúdio que na exposição ficaram alocadas através de um QRCODE. Pois é de várias imagens e de um único som que vive esta exposição: o som da narrativa, pela voz de cada um dos alunos do PEUS.

Agradecimentos:

Directora da FLUP: Paula Pinto Costa

Directora da Biblioteca da FLUP: Marta Antunes

Directora PEUS: Maria da Graça Pinto

Docente responsável: Ana Cristina Sousa

Professora da unidade curricular: Sónia Duarte

Cartaz da exposição: Ana Carolina Avilez

Imagem do cartaz: Vasco Cunha Monteiro, cortesia da

Cabral Moncada Leilões

Montagem da exposição: Ana Carolina Avilez e Sónia Duarte

Estúdio do *Humanities Lab*: António Costa

Apoio: Marta Craveiro, Sandra Melo, Arlinda Sousa

Alunos PEUS da turma «Porto: imagens, território e devoções»: Ana Coimbra; Ana Gama; Ida Bessa; Irene Alves; Jaime S; Irene Alves; José da Costa; José Oliveira; Luís Burmester; Manuel Rebelo; Manuel Leão; Marcos Castro; Margarida Guedes; Maria Ribeiro; Maria Peixoto; Maria do Céu Oliveira; Maria Ermelinda Ferreira; Maria Isabel Pereira; Maria Júlia Lousada; Marta Oliveira; Romeu Neves; Rosa Silva; Maria Paula Soares; Joaquim Freitas. Alunos da Turma «Arte, Música e Espaço Sacro» que também participam: António Filipe Silva; Maria José Bronze

Convidados: Helder Pacheco, António Moutinho Cardoso da Casa do Campo Pequeno (fotografia)

Divulgação: Sdi